O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS — SABBADO 17 DE NOVEMBRO DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:744

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—FACTOS E APRECIAÇÕES. —AOS INTERESSADOS.—DESMENTIDO.—A PASTA DA GUERRA.—PREVENÇÃO.—NOTICIARIO.—TABACO NO DOURO, *pelo Conde de Samodães.*—SECÇÃO AGRICOLA: UMA EXCURSÃO Á MERCEANA, *por F. d'Almeida e Brito.*—SECÇÃO LITTERARIA: UMA PAGINA DA HISTORIA, *por Almançor*; O SAL DO MAR, *por Nemo.*—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CORREIO DE LISBOA.

AVEIRO

FACTOS E APRECIAÇÕES

Depois de todos assentarem, que ao rei constitucional não cabe a attribuição de reorganisar os partidos monarchicos, porque o mesmo seria que envolver-se em luctas politicas estranhas á competencia da sua elevada magistratura, guelfos e gibelinos discutem assumptos menos doctrinarios, preoccupando-se uma parte da opposição com a saída do sr. visconde de S. Januario, e engrandecendo a outra parte a festa promovida em louvor do orago da nova egreja regeneradora, o verdadeiro Farina da mirifica agua de colonia, que se propõe encher de prosperidades e de... perfumes a patria desagradecida, que não concorreu em massa a saudar o erudito estadista, que na faina dos governos que exerceu não levantou padrão algum que atteste a sua largueza de intuitos e a vitalidade prolifica e conveniente dos seus differentes consulados.

Porque se n'estes agastamentos e prelendas com que se entreteem capuletos e montechios, pouco ou nada nos embaraçamos, não deixamos comtudo de investigar, se o paiz ficaria mais bem servido com a esquerda dynastica ou com as hostes serpaceas, visto que umas e outras fundidas já nos déram ahi o exemplo das dictaduras e das recomposições ministeriaes, que actualmente censuram aos adversarios, o que exprime a sua coherencia, e mostra evidentemente que teem duas opiniões, uma para quando são poder, e outra quando os successos as obrigam a ser opposição.

Já se vê que o paiz não póde confiar abertamente em agrupações, cujo estandarte se vê assim mareado pela falta de harmonia entre as palavras e os actos de qualquer d'ellas. E não creiam uns e outros que o povo esqueça estas cousas, antes devem ter em vista, que as tem muito na lembrança para se orientar e saber se lhe convém ou não inclinar-se a esta ou áquella parcialidade para lhe dar força. E se não, veja-se o que se passou na digressão de Lisboa ao Porto do illustre e preconisado chefe da esquerda. Alguns magnates da segunda cidade do reino, parte dos quaes fizeram em tempo côro com o sr. Dias Ferreira, antes d'este cavalheiro ceder á regeneração o melhor do seu cazal: depois em Lisboa, com duas philarmonicas, os do centro, com os seus convidados, e com os curiosos que topavam espectaculo gratuito, em tarde em que se juntam trezentas ou quatrocentas pessoas para ouvir tocar realejo a cujo som dance macaco desgracioso e maltrapilho!

Mas como isto deu gosto aos partidarios da esquerda, e como a sahida do sr. visconde de S. Januario mereceu os reparos da opposição, ambos os assumptos servem de thema ás suas folhas periodicas para dissertarem e fazerem politica á sua vontade. Tambem não seremos nós quem os estorve nos seus propositos. Deixemos uns e outros embrenharem-se em considerações de folego, embora todos juntos reneguem a tradição do seu partido, o que quer dizer, que trabalham para o desprestigio do illustre chefe, cuja herança os traz desavindos, porque se alguem uzou e abuzou das recomposições ministeriaes foi elle de certo, e o caso é, que os que hoje verberam o partido progressista não só applaudiram a habilidade de Fontes, como tambem aproveitaram com ella, chegando a sobraçar a pasta adorada! Em 1881, apoz uma eleição geral da assembleia representativa, todo o ministerio se sumiu pelo alçapão das conveniencias e dos arranjos, surgindo em vez do vulto homerico de Sampaio o não menos homerico vulto de Fontes, com um reforço de novos ministros tão irresponsaveis como a corôa constitucional.

Ora ahi está porque o paiz não toma a serio as dissertações da opposição, quer da direita, quer da esquerda. Se falla contra a dictadura, surge-lhe a de 19 de maio de 1884, que reformou o exercito, exactamente o trabalho que levou o sr. visconde de S. Januario a não continuar no ministerio da guerra, porque fazendo parte da commissão que o preparou, teve escrupulo em alteral-o depois de lhe ter sido favoravel com o seu voto. Se alludem a recomposições, quem mais recorreu a ellas que a regeneração?

E á vista dos factos, todos perguntam: «que auctoridade tem esta gente para censurar nos outros, o que ella fez com frequencia, sem todavia dar satisfação plena aos que então a hostilisavam?» D'onde se infere, que é facil formular libellos accusatorios, visto que a difficuldade está depois na prova.

Quando um paiz livre vê razões d'estas na parte encarregada de combater o governo, não commenta o caso, nem sequer com elle se embaraça. Entrega a politica á indifferença, abandonando-a á sua triste sina. Porque é preciso que todos se convençam, que o povo se apaixona pouco pelos homens, e só toma a peito as questões de administração, que entendem com a economia particular.

AOS INTERESSADOS

Não nos consta que a real associação de agricultura resolvesse o ponto principal da importante questão que a traz preoccupada, e que interessa principalmente a lavoura. Referimo-nos á criação de estabelecimentos de moagem a vapor para os trigos nacionaes, visto que as fabricas em laboração os excluem, ou apenas os aproveitam em pequena escala. E todavia devia ser este o empenho da real associação, visto que os moageiros apenas estimulados por motivos que ignoramos, se limitaram agora a encommendar 8:000 moios, estabelecendo logo os preços, mostrando assim, que preserveram no intento de preferirem os generos americanos, o que é altamente prejudicial á lavoura indigena.

A real associação vae reunir extraordinariamente dentro de poucos dias. E' provavel que prosiga nas cantatas do estylo, negando-se talvez a adoptar o expediente que póde salvar a agricultura da crise em que ella ha tanto tempo se debate. Pois valia bem a pena de pôr de parte as prelendas que nada adiantam, para mostrar praticamente que tomou a sério a sua missão de pugnar a valer pelas conveniencias agricolas.

Todos estão accordes em dispensar protecção á agricultura, mas cumpre não esquecer, que ella não pode ir tão longe, que o pão encareça no mercado. Se entre o productor e o consumidor existem ainda duas classes, convém que a associação facilite a venda do genero, estabelecendo as moagens. Não só não perderá o capital que empregar na reducção do grão a farinha, mas tambem ajudará o manipulador, não o sujeitando a ir na alheta dos moageiros, libertando-o das imposições d'estes, em beneficio do consumidor, que é o maior numero.

Por tanto os estabelecimentos de moagem por conta da associação importarão para ella um pequeno sacrificio, trazendo-lhe em compensação vantagens incalculaveis. E' n'isto que devem attentar os que influem n'este considerado gremio, para não desperdiçarem tempo em cousas, que nenhum proveito pode dar á agricultura portugueza.

DESMENTIDO

A desfaçatez com que se inventam e publicam as mais redondas mentiras sobre os tumultos eleitoraes da Misericordia é assombrosamente extraordinaria. Um jornal republicano de Lisboa, fiado de certo nas informações que d'aqui lhe foram, affirma o seguinte:

Apesar de ainda não estar concluido o auto de investigação judicial a que se procede em Aveiro para se averiguar officialmente a quem cabe a responsabilidade dos abusos praticados por occasião da eleição da misericordia d'aquella cidade, o agente do ministerio publico requereu já querella contra dois dos mais dedicados servidores do sr. Manuel Firmino.

São os processados os srs. Joaquim dos Reis Santo Thyrso, antigo regedor, e José dos Reis Mieiro, empregado da camara municipal e primo do sr. Firmino.

Contra ambos foi dado despacho de pronuncia por terem, no acto da eleição da meza da misericordia, insultado e ferido alguns eleitores conhecidos pelas suas opiniões liberaes e portanto adversarios do funccionario que o sr. José Luciano consentiu á frente do districto de Aveiro para satisfazer os seus odientos e reaccionarios caprichos.

Pois isto é tudo falso.

Não ha querella alguma em juizo, e muito menos despacho de pronuncia contra aquelles dois honrados e bemquistos cidadãos.

Dois sujeitos quaesquer foram queixar-se ao tribunal de que, andando envolvidos no tumulto, aquelles dois individuos lhes haviam dado umas bengaladas na cabeça. Mas sobre estas queixas particulares, que mais compromettem os queixosos, pois provam que foram elles os promotores da desordem de que sahiram mal feridos, não há ainda decisão alguma judicial transitada em julgado, e em caso algum poderiam motivar querella e pronuncia de ninguem.

Mas pois que desejam que se saiba antes de tempo, o que se passa no tribunal sobre esse celebre processo dos tumultos da Misericordia, nós é que podemos informar já que pelo auto de investigação policial, e pelos autos de corpo de delicto a que se está procedendo em juizo pelo cartorio do sr. escrivão Fortuna, estão compromettidos, como promotores e cabeças d'esses motins grande numero de façanhudos regenedores e republicanos, cujos nomes o registo criminal opportunamente nos dirá.

A PASTA DA GUERRA

E' do nosso collega o *Correio da Noite* o seguinte artigo:

Devolveu o encargo de continuar a gerir a pasta da guerra o sr. visconde de S. Januario. O sr. presidente do conselho e collegas no gabinete, interpretando os sentimentos de todo o partido, em vão pretenderam demover do seu proposito aquelle honrado e lealissimo collega que invocou para justificar o seu procedimento razões de melindre pessoal que nada tem, absolutamente nada, com a marcha politica do gabinete.

Por nossa parte sentimos tambem a resolução do sr. visconde de S. Januario, e lastimamos que motivos de caracter pessoal, que—repetimos—de nenhum modo traduzem qualquer divergencia de intuitos ou de processos de politica ou de administração, privem os conselhos da corôa de um cooperador tão leal, tão honesto e tão dedicado, como é o illustre estadista.

S. ex.ª sae sem levar dos seus collegas o menor ressentimento e com a gloria de ter prestado ás intituições militares serviços relevantissimos.

Ainda hoje um jornal insuspeito, porque não combate ao nosso lado, encarece e enumera esses serviços:

Instrucção para o ensino theorico-pratico das tropas de engenharia.

O mesmo para os corpos de artilheria.

O mesmo para os corpos de infanteria e cavallaria.

Desenvolvimento da instrução do tiro, para o que foram construidas differentes carreiras de tiro regimentaes.

Regulamento da escola regimental de engenheria.

Regulamento da escola pratica da artilheria.

Regulamento para a organisação das reservas do exercito activo.

Instrucções sobre o serviço de segurança em campanha da cavallaria.

Substituição da arma Snider pela Kropatschek.

Instrucção sobre este novo armamento da infanteria e da cavallaria.

Novas tarifas dos soldos dos officiaes em actividade e reformados.

Creação e regulamento da escola pratica de infanteria e cavallaria.

Regulamento para a instrucção especial das praças das companhias de telegraphistas do regimento de engenharia.

Regulamento para a remonta dos officiaes montados de infanteria.

Reorganisação da companhia de torpedeiros.

Regulamento para a escola e serviço de torpedos.

Grandes melhoramentos no material do regimento de engenharia, taes como:—uma ponte de equipagens do caminho de ferro, systema Eiffel; material de caminhos de ferro para o polygono de Tancos; um parque telegraphico de campanha, um parque em pé de paz da companhia de caminhos de ferro; um apparelho de luz electrica e respectiva viatura; uma secção de parque de montanha de sapadores mineiros, etc.

Composição das columnas das munições.

Melhoramentos no material para transportes dos cartuchos de infanteria.

Ferramentas para sapadores de infanteria.

Cantinas para officiaes.

Regulamento para o recenseamento e requisição de animaes e vehiculos.

Fixação das bagagens dos officiaes em manobras e campanha.

Aperfeiçoamento no plano geral *dos uniformes.*

Regulamentos para differentes serviços, como os dos commandos geraes e das inspecções geraes das armas; tinha em projecto a reorganisação da administração militar, da arma de cavallaria, etc.

As gazetas da opposição, notando o silencio de algumas folhas progressistas, explicam-no pela existencia de crise no seio do gabinete, pela difficuldade em encontrar pessoa que possa dignamente substituir o sr. visconde de S. Januario, e até pelos morosos preparativos de uma provavel recomposição ministerial.

Pura phantasia de novelleiros.

Não houve difficuldade nenhuma em procurarar e encontrar quem substituisse o sr. visconde de S. Januario na pasta da guerra; nem essa substituição constitue o que se chama crise politica; não se tratou ou trata de nenhuma recomposição ministerial; não houve nenhum conflicto ou divergencia de ideias no seio do gabinete; nem se deu modificação alguma na situação politica actual, pelo facto de entrar um ministro e sair outra.

Esta é que é a verdade.

Sabemos que não tendo sido possivel conseguir do sr. visconde de S. Januario a desistencia do seu pedido, o sr. presidente do conselho convidára para a pasta da guerra o sr. conselheiro João Chrysostomo d'Abreu e Sousa, e que não podendo este cavalheiro acceitar o encargo por motivos de saude, fôra convidado o sr. conselheiro Jose Joaquim de Castro, o qual acceitou.

Estes são os factos, e só n'isto se resumem os boatos maliciosos de crise aguda, de divergencias no seio do gabinete, e de recomposição ministerial, boatos com que ha oito dias os jornaes da opposição estão açulando a boa fé dos ingenuos e a curiosidade dos papalvos.

Não fecharemos estes periodos sem felicitar o governo e o partido pela acertada escolha do novo ministro da guerra, que pelo seu honrado caracter, grande illustração e larga experiencia dos negocios, se impõe á veneração e ao respeito de amigos e adversarios.

No que afirma o *Correio da Noite* não ha a mais leve inexactidão. Os factos passaram-se como o nosso bem informado collega os descreve, e o partido, que sentiu muito a sahida do sr. visconde de S. Januario, está plenamente satisfeito com a sua substituição, que não podia ser mais acertada.

PREVENÇÃO

Do digno representante da Republica Argentina em Lisboa acabamos de receber a seguinte carta:

Sr. redactor.—Desde março do corrente anno que se acha installado em Buenos Aires, o Muzeu de Productos Argentinos e de Productos similares estrangeiros. E' perfeitamente desnecessario encarecer a utilidade de semelhante instituição desde que em Portugal se acha tão provada e demonstrada nos Muzeus Commerciaes de Lisboa e Porto. Acabo de receber officialmente pedido, para fazer tudo quanto de mim dependa, para que Portugal seja devidamente representado no Muzeu de Buenos Aires, e cumprindo tão grata missão venho rogar a v. o favor, de dar publicidade a esta communicação e declarar que n'este Consulado Geral se dão todas as informações a este respeito, e os impressos e guias, para a remessa dos productos. Esta remessa poderá ser feita directamente pelos donos das amostras com previa communicação a este Consulado, para se fazer o respectivo aviso para Buenos Aires, ou as amostras serão entregues no mesmo Consulado, que fará a expedição nas melhores condições, até serem recebidas no Muzeu.

O mercado de Buenos Aires, offerece as maiores probabilidades de grande consumidor dos nossos principaes productos, especialmente dos nossos vinhos finos e communs, azeites, cortiça, toda a qualidade de conservas, etc., etc., o assim é de esperar que os exportadores portuguezes queiram quanto antes por meio de amostras bastantes tornar conhecidos os seus productos no Rio da Prata, onde ainda são tão mal apreciados.

N'este empenho solicito instantemente a valiosa coadjuvação de v. no seu conceituado jornal, favor este, que antecipadamente agradeço.

Sou com toda a consideração
De v. etc.
Lisboa 15 de novembro de 1888.
José da Cunha Porto.

Fica feita a prevenção pedida.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Embarcou quinta-feira de tarde no apeadeiro das Quintãs, em direcção a Coimbra, o sr. deputado Castro Mattoso, que contava sair hoje ou ámanhã para Lisboa.

— Acham-se ainda em Anadia as ex.mas espoza e filhas do sr. presidente do conselho. Sem embargo d'esta circumstancia, alguns *reporters* da capital davam ha dias ss. ex.as no baile sumptuoso do sr. marquez da Foz!

Já foi imaginação.

— Esteve n'esta cidade a sr.ª baroneza de Recardães. S. ex.ª já regressou á sua casa da Bairrada.

— Os povos das Quintãs, Oliveirinha, Costa e Povoa de Vallade, e mais povoações limitrofes, que são muitas, representaram á companhia dos caminhos de ferro, para que no apeadeiro das Quintãs se despachem mercadorias, tornando assim completo o beneficio ali apenas iniciado. E' de toda a justiça este pedido. Entre Oliveira do Bairro e Aveiro, medeiam mais de 20 kilometros. E' grande a distancia, e os povos não pódem vir ou ir tão longe, para transportar cereaes, milhos, gados, etc., quando todas as conveniencias aconselham se transforme aquelle apeadeiro em verdadeira estação.

Devemos ponderar, que o serviço na d'Aveiro está longe de corresponder ás exigencias do publico, pois tem um numero insufficiente de empregados, alem da casa ter falta de capacidade. D'este modo descentralisava-se mais o trabalho, visto que ás Quintãs concorreria uma parte da população do sul, que demora entre Aveiro e Oliveira, aliviando por tanto o serviço do pessoal empregado em qualquer d'estas duas estações.

O encarregado de solicitar este beneficio foi o sr. deputado Castro Mattoso.

Parabens.—Foi promovido a tenente-coronel o nosso presadissimo amigo, o sr. José Estevam de Moraes Sarmento, um dos officias mais illustrado do nosso exercito.

Martins de Carvalho.—Promette ser importante a manifestação que na segunda-feira deve ter logar em Coimbra em honra do illustre jornalista, o sr. Joaquim Martins de Carvalho. *O Campeão das Provincias* far-se-ha ali representar pelo nosso collega sr. Marques Gomes, amigo dedicado e um dos admiradores mais enthusiastas de Martins de Carvalho.

Misericordia.—A commissão administrativa da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade, sabendo que o seu presidente, em virtude da sua proxima ausencia para Lisboa, tencionava sollicitar a sua exoneração d'aquelle cargo, e vendo que um recurso interposto para o Tribunal Administrativo contra a inscripção de irmãos póde demorar por muito tempo a eleição da meza, e motivar assim o prolongamento das arduas funcções que com grande sacrificio tem exercido, resolveu por unanimidade exonerar-se, e pedir ao ex.mo governador civil que a substitua.

Fallecimento.—Succumbiu ante-hontem á noite a esposa do nosso amigo o sr. José Pereira, Junior. Não poude resistir a infeliz sr.ª aos estragos do mal que a atacou, não podendo salval-a a operação, em consequencia do estado geral da paciente, que era já pouco promettedor, não obstante a sua muita coragem e a sua nunca desmentida resignação. Ficou pois viuvo aquelle nosso dedicado amigo e orfãs ficaram as duas filhinhas, que tanto precisavam ainda dos carinhos maternaes, que nunca lhos regateou aquella que acaba de desapparecer para todo o sempre.

Ao sr. José Pereira, Junior, os nossos cumprimentos de pezamês, bem como ao pae da desditosa e nosso velho amigo o sr. José dos Reis.

Effeitos do temporal.—Na estrada d'Aveiro a Agueda, além do rombo que as aguas fizeram entre Eixo e Orta, botaram abaixo a maior parte da cortina da avenida da Ponte da Rata, levantando o empedrado da estrada, fazendo-lhe alguns rombos, e destruindo-lhe a rampa que dá passagem para a barca d'Almiar. Na ladeira d'Almiar botaram tres barreiras abaixo que obstruiram a estrada em todos os tres pontos, impedindo a passagem.

Tanto na ladeira d'Almiar, como na Ponte da Rata, já está facilitada a passagem não só ao povo, como a carros, devido isto á actividade com que o respectivo chefe de conservação providenciou logo, mandando desobstruir a parte da estrada precisa para dar facil transito.

No rombo da estrada entre Eixo e Orta, que tem 50 metros de comprido, com uma profundidade entre 5 e 10 metros, e em toda a largura da estrada, é que elle não póde fazer outro tanto com a mesma facilidade. Ainda assim poz logo lá uma grande barcaça que dá passagem a carros de bois carregados e a trens, que já ali passaram estes dias, e de quinta-feira para cá traz ali 50 carros de bois e cerca de 100 trabalhadores, trabalhando com uma actividade pasmosa, contando já dar ámanhã passagem de pé, se não vier chuva não só embaraçar o serviço, como fazer crescer o volume das aguas.

E' bonito ver, o movimento que ali vae, e a maneira como o serviço é feito, estando a descarregar-se carros d'aterro continuamente uns após outros d'um e outro lado do rombo, sem haver o mais leve embaraço ou a mais pequena interrupção, e isto d'uma maneira que só visto se póde apreciar. São lançados por dia no rombo, cerca de 400 metros cubicos d'aterro.

Verão de S. Martinho.—Apoz 15 dias de rigoso inverno, estamos gosando outros de notavel formosura outonal, em que o sol deslumbra em pleno ceu azul, e a natureza parece adormecida, pois nem a brisa fagueira do norte balouça as ramagens, despojando-os das folhas seccas. Nos campos as hervas verdejam alegremente, e na ria as abundantes aguas lodosas no primeiro plano, tornam-se azuladas e espelhentas ao longe, refletindo o horisonte; e a temperatura tão amena que justifica plenamente a nossa epigraphe.

Exercicios.—Uma escóla de cavallaria n.º 10 tem feito ultimamente exercicios de marchas a cavallo no largo do Rocio.

Espectaculos.—Estão n'esta cidade uns pobres gymnastas, que teem trabalhado de dia e de noite, ao ar livre, na praça do Commercio. A concorrencia de assistentes tem sido grande; agora a de pagantes deve ter com certeza menor.

Juros d'inscripções.—Recebem-se até ao dia 20 do corrente mez na repartição de fazenda d'este districto as relações dos juros do segundo semestre d'este anno, e atrasados, das inscripções da divida interna fundada, cujo pagamento se verificará do 1.º de dezembro em deante.

Tempo.—Melhoraram completamente as condições do tempo, que é agora excellente. Volveram por conseguinte ao trabalho tantos braços que a inclemencia da estação tornou inuteis por largo espaço. Estamos pois em pleno verão de S. Martinho.

Mar.—Continua bravo a ponto de não permittir a pesca. Esperava-se que o tempo influisse n'elle a ponto de permittir o trabalho, mas não o permittiu ainda.

Mercado de sardinha.—Não falta ainda no mercado, podendo dizer-se que os depositos provenientes das pescas anteriores tem ainda provisão bastante. O preço d'ella é hoje no mercado de 1$300 o milheiro.

Mercado de sal.—Continua a ser de 22$500 e 23$000 reis o custo do antigo barco ou a medida de 15:000 litros.

Fallecimentos.—Falleceu no Porto o sr. dr. José Barbosa Leão, cirurgião de divisão reformado. Era d'uma rara illustração, caracter estimavel, publicista conhecido e muito tenaz. Auctor da orthographia sonica, trabalhou com afinco na sua adopção, chegando nós, a seu pedido, a uzal-a, por algum tempo. Lamentamos, pois, dolorosamente, o desapparecimento d'esse valente luctador das pugnas das letras patrias e dos altos principios do partido progressista, em que militava.

— Succumbiu na cidade do Pará o nosso patricio, o sr. José Maria dos Santos, commerciante d'aquella praça, e cavalheiro estimavel, que ha tempos esteve entre nós com sua familia.

Incendio.—Ardeu hontem a fabrica de massas do sr. Pinto Leite, em Coimbra. A perda foi completa. Estava segurá. Não houve perda de vidas.

Remonta.—E' do nosso collega *Penafielense* a seguinte noticia sobre remonta:

«Não obstante o pessimo tempo que tão pacientemente aturamos, parece que concorreu bastante gado á remonta, ainda que a maior parte d'elle não tivesse a altura exigida pelo ministerio da guerra, e portanto, fosse recrutado. Ainda assim, até hontem á noite, a commissão da remonta que se acha n'esta cidade, tinha apurado alguns exemplares da raça cavallar, que satisfazem perfeitamente. SSe o tempo melhorar, é de esperar que appareça mais gado em condições de ser apurado pela referida commissão.»

Ladrões na egreja.—Dizem de Ponte do Lima, que na noite de 14 para 15 do corrente, os ladrões arrombaram a porta da egreja de Sá, nos arrabaldes d'aquella villa, e, penetrando no templo, roubaram todos os objectos de valor que ali existiam.

Noticias do Porto.—Suicidou-se na Foz, na noute de 15 do corrente, o sr. Arthur da Silva Reis, filho do fallecido escrivão do tribunal civil sr. Joaquim da Silva Reis. Era um moço muito relacionado, geralmente querido. Questão de coração produziu o facto que todos lamentam. Disparou contra si, tendo na mão esquerda o retrato da sr.ª que elle amava, e na direita o rewolver com que se matou.

— Hão de ser julgados no dia 30 do corrente os implicados no roubo da caixa filial do Banco de Portugal, sendo defensores do 1.º—Julio Ribeiro da Silva, o sr. Silveira Pinto; e do 2.º—Antonio Paes da Silva, o sr. Alexandre Braga. Espera-se que seja uma audiencia importante.

Vingança de mulher—Tentativa de assassinio.—O sr. Domingos Alves da Cunha, abastado capitalista morador na rua de Miragaya, tinha ha tempos ao seu serviço uma mulher de nome Bernardina Ribeiro da Costa. Por circumstancias que, segundo suppomos, a auctoridade ainda não póde averiguar, aquella mulher premeditou assassinar seu amo, e para satisfazer tão damnado proposito, muniu-se de uma porção de vidro moido, que lançou na sopa do amo, ás pequenas dózes, para os effeitos não serem rapidos a fim de não despertar suspeita. Principiando, porém, o sr. Cunha a sentir-se incommodado, mandou chamar o seu facultativo, o sr. dr. Alfredo Monteiro dos Santos, da rua do Triumpho, o qual reconhecendo symptomas de envenenamento, examinou uns restos de sopa que ainda se achavam n'um prato, averiguando então a existencia do vidro moido. Presa a creada, negou a principio, mas depois, como visse que a sua negativa não a podia eximir á responsabilidade do seu negro delicto, confessou tudo, dizendo que, tendo sido severamente reprehendida pelo amo, assim como a sua companheira Delphina Rosa, projectára vingar-se, recorrendo então ao vidro moido para consummar o seu intento. Esta declaração não parece a verdadeira, crendo-se que este attentado obedeceu a outros propositos que a justiça averiguará. A presa foi enviada ao tribunal e recolhida depois ás cadeias da Relação. Bernardina tem 19 annos apenas, e é bonita. Nasceu em Freamunde, concelho de Paços de Ferreira. Parece não ter grande repugnancia pelo crime que praticou.

Luz electrica no theatro Infante D. Affonso.—O theatro D. Affonso é illuminado a 145 lampadas de intensidades differentes, produzindo luz equivalente a 2:438 velas. A distribuição irradia do palco onde se acham collocados os quadros de resistencia e os demais apparelhos indispensaveis para a regularidade da luz. Todos os conductores partem da caixa do theatro e ramificam-se para todas as suas dependencias, possuindo isolamentos especiaes e encaixes de madeira a fim de se evitar a interrupção em qualquer ponto, a qual não é possivel dar-se em virtude dos contactos de segurança. Por este lado fica garantida a luz; mas a interrupção pode occasionar-se ainda por qualqner incidente na estação central, havendo na fabrica, para remediar qualqner inconveniente n'esse sentido, machinismo de sobrecelente. A interrupção, propriamente, não acarreta perigo algum ao espectador; poderá quando muito fazel-o passar pela sensação que motiva a falta de luz; mas a intermittencia é tão rapida que quasi se torna imperceptivel. A luz tem estado graduada em resistencia para evitar que a vista dos espectadores seja ferida pela intensidade das lampadas, achando-se ainda assim o theatro perfeitamente illuminado.

— Quasi que já não existe a cheia no Douro, pois que a agua continúa diminuindo rapidamente, sendo até possivel que o rio appareça hoje ao nivel normal. A corrente ainda ante-hontem foi um pouco veloz: 6 milhas por hora. O movimento fluvial vai-se restabelecendo pouco e pouco; o maritimo seguirá dentro em breve o mesmo caminho; o trabalho de carga e descarga nos barcos ancorados no Douro, recomeçou; na Ribeira, como na rua da Fonte Taurina, trabalhadores removem presurosamente o lôdo e as areias que as barrentas aguas do Douro alli accumularam; emfim, volta-se á vida ordinaria; ao trafego de todos os dias. Ainda bem que o periodo anormal motivado pelo temporal durou pouco; não obstante, alguns interesses soffreram muitissimo n'este curto espaço de tempo. Nada ha que mereça assignalar-se. Na Ribeira, como no caes da Estiva, terminou a lide de segurança nos barcos. Só em Massarellos, o brigue *Prazeres* continúua enrascado sobre as estacas da destruida prancha da fundição de Massarellos, convergindo larga cópia de esforços para o fazer sahir de uma situação que lhe póde trazer a perda total. Ante-hontem ficou completamente descarregado e hontem foram collocadas arcadas de pipas, segundo a phrase consagrada pelas populações ribeirinhas, a fim de vêr se se consegue pôr o navio a nado.

— Ante-hontem ás 11 horas e 50 minutos da noute chegou a Campanhã, vindo de Ovar, um comboyo conduzindo os passageiros, bagagens e malas postaes do comboyo mixto de Lisboa. Pouco depois da meia noute tambem chegou a Campanhã um comboyo de mercadorias, que havia sahido de Aveiro ás 9 horas da noute.

— As correspondencias de Lisboa e do Douro já foram ante-hontem distribuidas nos domicilios pouco depois da hora marcada, sendo entregues cerca de 500 cartas registradas. Isto prova que as vias ferreas estão quasi restauradas.

— Na linha do norte da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, restabeleceu-se o serviço dos comboyos entre Lisboa e Porto, de n.os 1, (mixto), que sahe de Lisboa ás 8 horas e 30 minutos da manhã; n.º 2 (mixto), que parte d'esta cidade ás 8-45 da manhã; n.º 7 (correio), que sahe de Lisboa ás 9 da tarde, e n.º 8 (correio), que parte do Porto ás 7-30 da tarde. Ha, porém trasbordo ao kilometro 293,500 entre Estarreja e Ovar e ao kilometro 183,600 entre Pombal e Soure, vendendo-se, portanto, bilhetes e despachando-se bagagens. O serviço de mercadorias effectuar-se-ha só entre Lisboa e Pombal e entre Ovar e Porto. Os passageiros procedentes de léste ou para léste, só podem seguir nos comboyos acima indicados. Os comboyos de mercadorias já atravessam a ponte de Gonde, mas comboyos de passageiros não passarão alli sem que aquella ponte seja vistoriada.

Os trigos estrangeiros.—Na Inglaterra a ceifa ainda não havia terminado no mez findo. A colheita de 1887 produziu 27 milhões de hectolitros. A importação foi calculada em 55 milhões de hectolitros. A producção da Inglaterra cobre geralmente um terço do seu consumo e diz-se que este anno não cubrirá um quarto.

A França pode avaliar a sua colheita em 85 milhões de hectolitros. O consumo ali varia entro 118 a 121 milhões de hectolitros, o que dá um *deficit* de cerca de 35 milhões de hectolitros.

Na Allemanha a temperatura do estio foi desfavoravel á colheita dos trigos. O consumo eleva-se a 38 milhões de hectolitros. A colheita em 1888 não excede a 25 milhões, o que dá um *deficit* de 13 milhões de hectolitros.

Na Italia a colheita elevou-se a 37 milhões, sendo o consumo de 52 milhões: *deficit*, 15 milhões de hectolitros.

A Hollanda terá de cobrir o seu consumo em 7 a 8 milhões, a Suissa em 3 milhões e meio. a Hespanha em 4 milhões e meio de hectolitros.

A colheita na Austria é avaliada em 16 milhões; a importação terá de ser de 7 a 8 milhões de hectolitros.

Nos Estados-Unidos a colheita é avaliada em 410 milhões de *bushels*. Deduzindo o consumo do paiz, ficará para exportação 35 milhões de *bushels*, ou 22 milhões, duzentos e cincoenta hectolitros (35 litro por cada *bushel*).

A Russia tambem dispõe este anno de um grande excedente para a exportação. O seu trigo é excellente. O paiz pode exportar 35 milhões de hectolitros.

O Canadá pelo exportar 6 a 7 milhões, as Indias 14 a 16 milhões, a Romania 9 a 10 milhões de hectolitros.

Isto diz o *Bulletin du Musée Commercial de Bruxellas*, que a seu turno o transcreveu do *Jornal da Camara do Commercio de Constantinopla.*

Transcripções.—São do ultimo n.º do *Ovarense* as seguintes noticias:

Furadouro.—A chuva tem continuado assustadoramente. Tudo foge, portanto. O mar alteia-se furiosamente e vem bater nas rampas dos palheiros que lhe estão fronteiros. A vida é assim impossivel no Furadouro. Por isso tem retirado as familias a banhos, as ultimas que restavam ainda. Assim passou no principio d'esta semana, para o Ferral, de Souto, a familia Santos.

— Dizem-nos que se pensa em levantar no Furadouro uma casa propria para Assembleia. Era uma necessidade uma casa com as condicções hygienicas e as mais precisas para o fim, a que ella é destinada. Com a affluencia dos banhistas, e a crer que ella cada vez mais augmenta, o salão para a dança, com as dimensões que tem o da casa do sr. commendador Costa, é muitissimo apertado. Além d'esse inconveniente, apontamos o de não haver repartimentos annexos, desafogados, para jogo, para bilhar, para gabinete de leitura, para toilette de senhoras, para restaurante, etc. Ora para satisfazer a tudo isso é que alguns cavalheiros do nosso e d'outros concelhos visinhos, suggeriram a um importante capitalista d'esta villa a ideia de mandar construir uma casa propria para Assembleia; e cremos que este assim o fará. Muito estimamos que se consiga mais este notavel melhoramento para a nossa praia, que parece querer agora desenvolver-se muito. Não devemos, pois, esfriar n'esse proposito. Oxalá, portanto, que para o anno a Assembleia se abra em casa, destinada exclusivamente para esse fim.

Fuga de presa.—Na manhã do ultimo domingo, o carcereiro d'esta villa veio participar que a unica presa que existia nas nossas cadeias se tinha evadido. Não sabemos se se lembram de fallarmos aqui ha uns mezes n'uma misera ratoneira, chamada Maria do Cravo, que fizera mão baixa sobre um cordão pertencente ao Sebastião Aleixo, de Acções. Pertencia ella a essa quadrilha de *peixotos* que infestam este concelho, contra os quaes não nos cansamos de berrar, chamando pelos de el-rei. Entregue ao poder judicial, vivia na sombra da cadeia, esperando por ser julgada n'esta epoca de audiencias geraes, visto que não encontrou quem quizesse affiançal-a. Parece que, apezar de não ser protegida pela formosura, tinha seus adoradores que, ao que se desconfia, tramaram a evasão da presa e a auxiliaram efficazmente n'essa tarefa. Como effectivaram a sahida, não se sabe bem; mas encontrando-se partido um ferro da grade que dá da latrina para o saguão dos Paços Municipaes, é de presumir que ella tenha sahido por alli, depois de ter limado aquelle ferro. Diz-se até que ella desapparecera já no sabbado. Como é então que o carcereiro só participa o facto no domingo? Haverá connivencia, d'este? E' necessario averiguar o caso e fazer-se toda a luz sobre elle, porque, seja como fôr, a responsabilidade cabe toda ao carcereiro, visto que as cadeias estão sufficientemente seguras para se fazer uma evasão promptamente e de modo a illudir a vigilancia de quem compete tel-a. Consta-nos que a mulher foi já presa em Castellões. Isto não impede que se proceda ás necessarias e devidas investigações para descobrir-se o verdadeiro culpado, tanto mais que é facto novo nos annaes d'esta comarca. Não nos lembramos de fuga nenhuma das cadeias d'esta villa. Houve já uma tentativa que não chegou a effectuar-se. Ora, porque é o primeiro caso, convém que não fique impune, porque esse exemplo seria perigosissimo. Para evitar que outros presos de maior gravidade tomasse as pégadas da Maria do Cravo, o digno agente do Ministerio Publico, sr. dr. Nunes da Silva, sollicitou do sr. administrador do concelho uma guarda militar, a qual já se acha n'esta villa, em numero de 12 praças de infanteria 23, sob o commando de um segundo sargento. Assim é preciso; que de mais a mais estão á porta as audiencias geraes.

Café e bilhar.—O nosso amigo, sr. João Sucena abriu já um magnifico estabelecimento de café e bilhar, junto á sua casa, sob o escriptorio do talentoso advogado e nosso amigo, sr. dr. Christovam Coelho, ás Pontes. E' digno de ser visitado, porque o café é excellente. Fazia-se mister, na nossa Villa, uma das primeiaas do paiz, um estabelecimento d'esta natureza; que hoje em dia já elles andam espalhados por outras terras de pouca monta. Estamos em que o sr. Sucena fará negocio, attentas as suas bonissimas qualidades e a excellencia do seu estabelecimento.

Obras da egreja.—Estão a findar as obras da reparação da nossa egreja matriz, que, prompta, fica notavelmente melhorada. Para de vez mostrar-se digna da visita dos extranhos que passam entre nós, resta doirar o altar-mór. Bem sabemos que as receitas da junta de parochia são muito escassas. Além d'isso a actual tem luctado com innumeras difficuldades, pois não recebeu da sua antecessora um tostão em dinheiro, antes tomou posse do seu cargo onerado com muitas e avultadas dividas passivas. Com muitas economias, pois, e com o subsidio que nos alcançou o nosso benemerito deputado sr. dr. Barbosa de Magalhães, já a Junta actual fez muito. Merece, por isso, os nossos emboras, os mais justos e os mais sinceros. Esperamos ainda, que ella, proseguindo nos seus esforços, complete o seu brioso pensamento. Para isso, a freguezia deve auxilial-a. E estamos certos de que ninguem, a não ser um ou outro mesquinho adversario, de espirinho tacanho dirigido selvaticamente por outro espirito não menos tacanho, se recusará a collaborar com a Junta de Parochia na realisação de tão grandioso quanto util e necessario melhoramento. Sabemos que só a restauração do altar-mór da nossa egreja montará a 3 contos de reis. E' quantia muito superior ás forças do thesouro parochial. Mas porque não contrahe a Junta um emprestimo, que hoje é facil obtel-o em favoraveis condições?

Tempo.—Sempre chuvoso tem corrido o tempo. D'esta maneira, paralysou a pesca na costa do Furadouro e a agricultura não tem progredido. Acham se intransitaveis as nossas ruas e os rios que atravessam esta Villa teem engrossado consideravelmente.

Mais.—São da *Soberania* de 15 as seguintes noticias:

Não podemos deixar de escrever sobre as ultimas tempestades, que foram longas e temerosas. As aguas eram tantas e tão continuadas que parecia que se ia renovar a epoca do diluvio universal. Houve povoações em que a innundação foi tamanha que muitas familias imaginaram que ficariam afogadas em suas proprias casas. N'estes sitios tem havido cheias maiores, mas o que nunca houve foi este precipitar ruidoso e constante de aguas e os grandes estragos que se produziram por toda a parte. Já na manhã de domingo a cheia foi grande, mas, como choveu todo o dia, na madrugada de segunda-feira appareceu tudo coberto de agua e presenciou-se ainda uma das maiores cheias dos ultimos tempos. A corrente era caudalosa. A cheia cobriu os campos, quasi tomou a estrada de Oliveira do Bairro e a nova do Sardão, atravessou a estrada macdamisada de Assequins, junto ao Pecegueiro, tomou completamente as ruas d'Alem da Ponte, Cancella, Vasco da Gama, Capella, Barril e Praça Nova e parte da rua de Sant'Anna e rua da Ponte. O transito estava interrompido entre a Praça Nova e a rua de Luiz de Camões pelas aguas que chegavam á rua de Sant'Anna. A cheia começou a mingoar logo de manhã, mas descia muito devagar e só hontem é que o rio ficou quasi nas suas margens naturaes.

A noite de domingo para segunda-feira foi tormentosa para muita gente. Muitos moradores das partes baixas da villa não esperavam tamanha cheia e não se preveniram a tempo. Dois pobres homens da Murtoza, chamados David José Nunes da Silva e Gaudencio José Fernandes Ruella, o *Meirinho*, tinham vindo comprar um barco de lenha, que pagaram. Elles ancoraram junto á cortina de Alem da Ponte, na margem esquerda, e metteram-se na prôa do barco muito socegadamente. Mas ahi pelas quatro horas da madrugada acordaram sobresaltados por um grande barulho. O barco tinha sido movido pelo crescer do rio e deixou a amarração levada pela força da corrente. Quando os barqueiros accordaram, o barco atravessou-se na ponte e partia-se contra um dos encontros. Sahiram logo para fóra da prôa e viram-se perdidos. Um, o *Meirinho*, sabia nadar e deixou-se ir ao cima das aguas, indo aportar ao cruzeiro de Paredes, onde se salvou. O companheiro não sabia nadar. Viu-se perdido, quando se lembrou de se collocar no redondo do poial proximo, onde facilmente se podia sustentar. Mas o barco, ao partir-se, fez um grande estrondo que se ouviu na villa.

Correu logo muito povo com archotes accudindo á desgraça que se esperava. O pobre barqueiro dava gritos lancinantes. Ninguem lhe podia accudir pelo rio, porque não havia tempo nem facilidade de se ir embarcado salvar o desgraçado, que mal podia segurar-se agarrado sofregamente ao poial da ponte. Houve então quem se lembrasse de lhe arremeçar uma corda do alto da ponte. Foi a salvação para o infeliz. Elle mesmo se prendeu ás cordas, e assim foi erguido até á ponte, onde appareceu pouco depois o seu companheiro de naufragio. O barco foi pela agua abaixo, e já appareceu a prôa em Ois da Ribeira. Os dois marinheiros tiveram grande prejuizo, porque talvez perdessem, pelo barco e pelos apparelhos, mais de 150:000 reis. Parece que tinham na prôa umas 8 libras em oiro. Um d'elles prendeu ao pescoço a bolça, em que estava esse dinheiro, e salvou-se com elle. Na prôa ainda foi encontrado parte do apparelho. Os dois naufragos foram recolhidos e agasalhados pelo nosso amigo o sr. José d'Oliveira Baptista, presidente da junta de parochia, que, com a sua inexgotavel caridade, procurou minorar a sua desgraça. Uma bonita e honrada acção.

Houve ainda outros perigos de pessoas. Um caixeiro do sr. Bento de Sousa Carneiro ia sendo apanhado pela enchente, em uma casa da rua Vasco da Gama. Foi salvo por um barco. No Sardão, ao rés do chão das casas do sr. Joaquim Soares de Oliveira havia uma octogenaria, Mariã da Cruz. Estava na cama, quando a agua lhe entrou na habitação. Teve a velhinha de estar sobre a cama, durante muitas horas, e como a agua ia crescendo ella levantou-se para ficar com o rosto de fora. O sr. Joaquim Soares d'Oliveira estava no primeiro andar afflicto com a situação lastimosa da Maria da Cruz, que lhe fallava e pedia soccorro. Mas o soalho não podia, arrombando-se, dar-lhe sahida, e a mulher mostrava já, pela voz sumida, que ia morrer. Mas salvou-se, porque Adriano Balreira, barqueiro, que andava nos campos a colher lenha, atravessou o rio e foi salvar a velha por uma janella que conseguiu arrombar.

Prejuizos materiaes muitos. Houve casas e muros que ruiram. As estradas ficaram uma desgraça. A rua da Fonte ficou escalavrada, abriu-se uma profunda valla ao longo d'ella. Pelo rio desceram madeiras e lenhas. Um porco cevado, foi apanhado no curral pela enchente e veio pelo rio abaixo. A estrada de Oliveira do Bairro, junto á Corga, ficou intransitavel pelas terras e barreiras que cahiram da quinta do sr. dr. José Soares Pinto de Mascarenhas. Na estrada viam-se videiras, castanheiros e carvalhos, que foram trazidos pela enchurrada. A estrada municipal de Aguada de Baixo á Murta ficou quasi completamente destruida, sendo grandes os prejuizos. Na casa dos srs. Pintos, na rua d'Alem da Ponte, foi necessario deitar uma parede abaixo para salvar quatro cevados que estavam quasi asphixiados e que com bastante custo foram mettidos dentro d'uma bateira. Em Paredes cahiu um pequeno casebre onde vivia Manoel Carriço com sua mulher e filho.

Durante dois dias estivemos incommunicaveis. Não podiamos passar para Aveiro por causa da obstrucção da estrada na descida da Ponte da Rata, em Almiar, que estava cheia de terras e arvores, e pelo arrombamento que teve a estrada junto a Eixo. Por Oliveira do Bairro tambem se não podia ir por causa da inutilisação da estrada na Corga e da innundação que ia no Certima, entre Piedade e Perrães. Para Anadia e Mogofores não se passava tambem por causa da cheia que ia na Bairrada, logo depois de Avelans de Caminho. Não tivemos correio, porque na linha do norte quasi que parou todo o movimento. Agora o tempo mudou. Temos dias de esplendido sol e parece que chega emfim o verão de S. Martinho. Bem precisamos nós dos bellos dias de primavera como os de hontem e hoje. Parece que tudo vae entrar em uma situação normal.

Colheita abundante.—Um correspondente da Regua diz para um collega nosso do Porto, fallando da ultima colheita de vinho o seguinte:

. . . . . .

Fallei em cima em vindimas, não deixará de ser curiosa a seguinte estatistica relativa á ultima colheita. Um individuo da visinha freguezia de Godim, que annualmente colhia 15 pipas, este anno colheu 30!—Cem por cento! O sr. Ferreira de Sampaio, que o anno passado colheu 80, este anno teve 110. O sr. Correia Monteiro, que colhia 24, teve este anno 42; um individuo da Ribeira, na mesma freguezia, que ha annos vindimava 6 pipas, este anno teve 27, 150 0|0! Na quinta de Romarigo, onde a colheita habitual era de 9 pipas, foi este anno de 32; finalmente, para não tornar esta lista muito longa, a freguezia de Ervedosa do Douro, terra do meu querido Lucio Vaz, que annualmente produzia 80 pipas, este anno produziu 600!!!

E' realmente muito.

Um cão salvador.—Em Cabeceiras de Basto duas creancinhas, uma de 20 mezes e outra de 12 a 15 mezes, que tinham cahido a um quinteiro, onde estavam dois alentados porcos, correram risco de ser por estes devoradas, se não fosse a providencial intervenção de um cão perdigueiro que, com os seus latidos, chamou a attenção dos moradores da casa.

Tumultos em Madrid.—Os jornaes de Madrid occupam-se quasi exclusivamente dos successos de que o telegrapho nos tem dado conhecimento. Nenhum dos orgãos madrilenos se pronuncia de um modo positivo sobre a origem da manifestação de que foi alvo e de que esteve para ser victima o sr. Canovas del Castilho. Antes de ampliarmos, pelas informações recebidas, a narração dos factos, daremos a opinião de um dos nossos collegas de Madrid, na qual parece fundirem-se as opiniões dos outros collegas, indecisos, vacillantes, mas conscientes da gravidade dos successos e dos perigos que elles deixam revelados.

Tem a palavra o *Imparcial*.

*

«A irritação dos conservadores é inexcedivel. Consideram tudo perdido. a ordem social minada, a bacchanal triumphante, falta de governo e de segurança individual e o domicilio dos particulares abandonado a audacia das turbas.

Consideram os manifestantes como agentes de uma perversa machinação (?); accusam o governo de esquecer os seus deveres até ao ponto de entregar a monarchia e a sociedade á anarchia desenfreada dos republicanos. A seu vêr, os factos actuaes representam apenas um ataque cynico e impune contra a monarchia...

Os liberaes julgam diversamente o occorrido. Consideram a manifestação inevitavel attendendo a que o sr. Canovas realisava a sua digressão em exclusivo proveito da politica do seu partido. A manifestação produziu-se como protesto contra as pretensões conservadoras, absolutamente anachronicas no periodo actual.

Todavia, os liberaes *temem que os* inimigos da ordem e do estado de coisas presentes aproveitem a agitação em seu favor.»

Sempre o caso do *tertius*...

*

O circumspecto orgão madrileno não compartilha de taes receios. Vê principalmente nos tumultos a acção calorosa do elemento academico, reagindo contra o partido conservador, não por espirito politico, nem por um sentimento egoista, mas impellido por uma paixão generosa, que naturalmente exclue a correcta meditação dos actos e do seu alcance. E' de presumir que por detraz d'estes agitadores juvenis e enthusiastas se agitem elementos revolucionarios; mas a justiça manda reconhecer e affirmar que os republicanos procederam nos acontecimentos d'estes dois dias com uma cordura louvavel e inesperada.

*

Pelo que toca ao procedimento das auctoridades, entende o nosso collega que elle foi realmente frouxo e contemporisador no acto de se organisar a manifestação, sem duvida porque não lhe mediu o alcance. Mas quando o numero dos manifestantes attingia a cifra de dez a doze mil, era impossivel proceder com mais energia e decisão do que aquellas que a auctoridade empregou. Passemos aos factos.

*

Pouco antes das 8 horas da manhã de ante-hontem, começaram a reunir-se os estudantes em frente do collegio de S. Carlos. O collegio fechou as portas, ao passo que uma força de cavallaria da guarda civil se apresentava no local, fazendo dispersar o agrupamento. Os estudantes encaminharam-se para a estação. Pelas 8 horas augmentou consideravelmente o numero dos estudantes, os quaes, obedecendo apparentemente a uma combinação prévia, occuparam os dois passeios do jardim Botanico. A força publica ia, pelo seu lado, convergindo sobre as immediações da estação, onde se via um forte grupo de individuos, que pela sua edade e pelo trajo mostravam não pertencer á classe dos estudantes. Entre estes homens havia republicanos, que facilmente se reconheciam pelos protestos. Tambem era avultado o numero dos liberaes; estes limitavam-se a condemnar a politica conservadora e o chefe do partido. Chegavam, no emtanto, alguns personagens do grupo do sr. Canovas: D. Manuel Silvela, os condes de Toreno e de Casa Valencia, D. Fernando Cos-Gayon, e outros. A' sua passagem foram acolhidos com apupos.

O governador da provincia, sr. Aguilera, abeirou-se do grupo de onde haviam partido os apupos e fez signal de que pretendia fallar. Immediatamente se restabeleceu o silencio.

A auctoridade superior aconselhou ordem e convidou os grupos a dissolverem-se. Foi muito applaudido pela multidão,—que se conservou impassivel.

*

Chegada do comboio. O sr. Canovas desce, e é prevenido pelos seus amigos da existencia dos grupos e da sua attitude. Aconselham-n'o a não passar pelo jardim Botanico. Elle insiste terminantemente em seguir o caminho indicado e apenas se oppõe a que sua mulher siga na mesma carruagem. Decorrem dez minutos e sahem da estação, primeiro—um *landau* com a sr.ª Canovas del Castillo e os condes de Casa Valencia; em seguida o trem do sr. Canovas, no qual iam o chefe conservador, e os srs. D. Francisco Silvela e conde de Toreno.

Ao chegar á porta da Atocha, a multidão envolve o primeiro trem; o cocheiro hesita e pretende retroceder pela rua d'Atocha para ir buscar a rua de Affonso XII.

Então, á portinhola assoma a condessa de Casa Valencia, que bradou ao cocheiro com grande energia:

— Para diante! Pela rua Castellana!

O trem continúa. Apparece então o do sr. Canovas.

Produz-se uma tempestade de vociferações, berros e assobios. Ha protestos, pragas, injurias, murros fechados, olhos incendiados, um phrenesi. De dentro do trem, ás portinholas. Canovas e o conde de Soreno respondem energicamente:—Miseraveis! Homens perdidos!

O cocheiro do sr. Canovas quer, a seu turno, retroceder, mas o amo ordena-lhe que siga para a frente, e o trem continúa a sua marcha, mas a breve espaço tem de interrompel-a. A multidão cerca-o e as pedradas começam a chover de varios pontos.

*

N'este ponto, á ordem do governador, a cavallaria da guarda civil carrega sobre o povo, mas de espadas na bainha. O transito é relativamente desempedido e os dois trens conseguem chegar ao palacio do sr. Canovas del Castillo, já então cercado pela força publica. A multidão separa-se; organisam-se numerosos grupos que percorrem as ruas de Fuencarral e das Infantas, soltando morras a Canovas e aos conservadores e vivas á Universidade. Apparecem então tres bandeiras vermelhas; os estudantes apoderam-se d'ellas e despedaçam-n'as. Os porta-bandeiras desaparecem na turba.

*

A redacção da *Epoca* não foi esquecida pelos manifestantes. Cêrca de uns mil individuos, pela maior parte estudantes, dirigiram-se á rua do Arco de Santa Maria e soltaram prolongados gritos de *morra a Epoca!* em frente da redacção.

Os redactores da *Epoca* apresentaram-se á porta principal do edificio, censurando energicamente os perturbadores da ordem. Ao fundo da rua assomava então uma força de cavallaria da guarda civil, a qual divisando o tumulto, virou para a rua do Soldado, deixando em paz os manifestantes.

Minutos depois apparecia com uma força o governador de Madrid, que *dissolveu os grupos*. A redacção da *Epoca* apresentou á auctoridade um relatorio dos seus aggravos. O sr. Aguilera prometteu proceder contra a força que deixou de soccorrel-a.

*

As manifestações teem-se reproduzido em frente do centro conservador e das residencias dos principaes homens do partido. E' de presumir que o telegrapho nos transmitta noticias dos factos ulteriores.

Madrid, 12.—Continúa a agitação entre os estudantes. Um grupo d'elles apresentou-se deante da redacção do periodico *Dominicales del Libre Pensamiento*, dando-lhe muitos vivas. A universidade está vigiada por agentes de policia. O reitor e o governador civil fallaram aos estudantes recommendando lhes respeito á lei e aconselhando-os a que não tomem parte nas manifestações preparadas para hoje por pessoas alheias á academia. O palacio real está guardado por numerosas forças policiaes. As auctoridades estão decididas a reprimir pela força qualquer manifestação.

Tem havido socego desde o meio dia. A attitude das auctoridades e a chuva incessante impediram a repetição das manifestações.

O crime de Fuencarral.—Segundo os jornaes de Madrid já póde dizer-se que na primeira conclusão do ministerio publico se conseguiu o seguinte:

«Que Higinia Balaguer se apresentou a 22 de junho ultimo em casa de D. Luciana Barcino, pretendendo entrar ao seu serviço e apresentando ao mesmo tempo uma cedula falsa, com o nome supposto de Isidora Balaguer.

Apezar de D. Luciana (tirando informações em casa de Juana Brull, que a propria Higinia lhe indicara) saber que aquelle nome e a cedula eram falsos; e apezar da noticia dada pela Brull, de que a Higinia tinha estado a viver com um coxo, proprietario d'uma taberna em frente da Penitenciaria, não teve duvida em tomal-a ao seu serviço a 26 do mesmo mez.

Cinco dias depois de entrar para casa de D. Luciana, no 1.º de julho, Higinia Balaguer narcotisou, á tarde, um cão *bull-dog*, ferocissimo, que não deixava approximar ninguem da dona. E narcotisou-o, a fim de que o animal não impedisse, nem désse signal de qualquer acto.

Depois d'isto, dirigio-se ao gabinete contiguo á sala, onde estava D. Luciana, e apunhalou-a.

Levado este crime a effeito, Higinia lavou as manchas do sangue que ficaram no chão e pondo sobre elle roupas e papeis. Foi logo buscar um lenço onde estavam 92:200 reales, dando esta quantia a guardar a Dolores Avila juntamente com algumas joias da victima. Dolores guardou tudo, sabendo d'onde vinha.

Higinia foi depois concluir a sua obra, derramando petroleo sobre o cadaver e objectos que o cobriam e lançando-lhe fogo.

Foi um visinho que, dando pelo fumo, pôz em alarme todos os habitantes do predio.»

Na segunda conclusão considera estes factos como contituindo um crime de roubo com homicidio, previsto e punido nos artigos 515.º e n.º 1 do artigo 516.º do codigo penal, e outro de incendio, comprehendido no artigo 562.º do mesmo codigo.

Na terceira conclusão considera como auctores de ambos os crimes a ré Higinia Balaguer e Dolores Avila Palicios, como encobridora do e assassinio. Quanto aos processados José Vasquez Varella, D. José Millan Astray e Maria Avila Palacios diz que não se provou que tivessem tido participação alguma nos ditos crimes.

Na quarta conclusão aprecia o concurso de circumstancias aggravantes de premeditação e de abuso de confiança.

Na quinta conclusão pede para a ré a pena de morte pelo duplo crime de roubo e homicidio.

Para a ré Dolores requer a pena de 12 annos de prisão maior.

Pede a absolvição de José Vasquez Varella, D. José Millan Astray e Maria Avila.

O agente do ministerio publico dá como prova, além das declarações dos reus, o exame de 123 testemunhas e o de 19 peritos.

Propõe mais que haja na prisão das mulheres uma inspecção, relacionada com a declaração feita por algumas presas, que disseram ter ouvido algumas phrases trocadas entre Higinia e Dolores, na noite em que esta ultima foi presa.

Requer tambem que se junte ao processo uma das notas encontradas em casa de D. Luciana, para que se compare a lettra com a da victima.

Diz que convém que o juiz instructor, sr. Peña, diga se lhe foram dirigidas advertencias ou pedidos relativamente aos processados e á entrada de Varella no carcere de Higinia.

Requer finalmente que se averigue o caso das saidas de presos da Penitenciaria.

Dentro da cinco dias os delegados da acção popular formularão as suas conclusões.

O padre Galeote.—Morreu, no hospital de doidos de Leganes, o padre Galeote, tão tristemente celebre pelo assassinio do arcebispo de Madrid.

A créche.—Tem 44 annos a fundação do primeiro estabelecimento de caridade, conhecido pela designação de *créche*. Foi o benemerito mr. Mirbeau quem fundou no bairro Chaillot, em Paris, a primeira créche, cuja inauguração se realisou a 14 de novembro de 1844.

A exposição de Paris.—Vão muito adiantados os trabalhos. Acaba de ser dirigida aos presidentes dos *comités* uma circular participando que no dia 15 de janeiro começarão a ser recebidos os objectos que devem de ser expostos.

A mesma circular, dirigida aos *comités das potencias estrangeiras, aconselha-os* a seguir o exemplo da Inglaterra, cujos trabalhos de installação estão muito adiantados.

O valor da terra em Inglaterra.—N'um jornal de Londres regista-se um facto que demonstra quanto augmenta na Australia o valor da terra, ao passo que se deprecia em Inglaterra. Offereceu-se ao proprietario de uma fazenda de 500 acres (200 hectares) situada a 26 milhas de Melbourne, em solo mediocre com mesquinha casa rustica, trocar essa fazenda por uma esplendida propriedade em Inglaterra, com 1:550 acres de superficie (620 hectares) com um antigo palacio construido por personagem historico, tapada, vastos jardins e tudo situado a meia hora de uma estação de caminho de ferro e tendo custado 50:000 libras (225 contos de réis). Ha de porém haver outras rasões para a proposta da troca, que não sejam só as da diminuição do valor da terra na Grã-Bretanha.

TABACO NO DOURO

Segundo lêmos em uma correspondencia do ex.mo sr. Barão das Lages, dignissimo presidente da Commissão da cultura do tabaco no Douro, acaba s. ex.ª de concluir a venda do tabaco da novidade de 1887, com o ex.mo conselho de administração da regie.

O preço é vantajoso, pois é o mesmo do anno de 1886, 400 reis por kilogramma. Fez s. ex.ª mais um serviço importante aos proprietarios, que se aproveitaram da concessão da cultura do tabaco.

O nobre Barão, incansavel n'este negocio, deve agora combinar com aquelle corpo gerente do fabrico e venda dos tabacos os methodos de preparo da folha, antes da sahir da mão do cultivador. Está hoje perfeitamente esclarecida a questão da producção da folha. Já são numerosos os cultivadores e não só estes sabem o que devem fazer, mas pódem sabel-o todos os que quizerem aproveitar-se d'este meio que a lei concede; o que porém ainda ninguem sabe ao certo é como convirá preparar a folha depois de colhel-a no campo. Uma das grandes difficuldades com que luctam os cultivadores é a falta de seccadouros. Para uma pequena cultura já é difficil ter casa adaptada para a secca. Enche-se tudo de folha, e o lavrador vê-se em angustias sem casa para a sua habitação e arrumos. Para a cultura de um hectare póde affirmar-se que nenhum lavrador tem casa sufficiente, só se a mandar construir de proposito, o que nem todos poderão ou quererão.

Para áreas muito menores não se deixa de encontrar grandes embaraços. Assim tudo quanto tenda a encurtar o tempo do seccadouro é de grande vantagem. Cumpre pois que a administração da regie dê as suas instrucções a fim de se regular o seccadouro e fermentação, para que a folha saia nas condições que se deseja para a manipulação dos tabacos. Hoje que, pelo systema do monopolio do Estado, só elle é o comprador de todo o tabaco, que não seja exportado, é indispensavel que da administração baixem as instrucções para o preparo preliminar do tabaco.

Parece que o methodo da fermentação immediata depois da apanha, avellando apenas a folha, dá resultados superiores ao do prolongado seccadouro. Sendo assim o que só póde dizer o comprador, isto é, a administração, cumpre desde já saber-se, para que se empregue este methodo na colheita de 1888, a qual se acha já recolhida e enchendo a casa dos cultivadores. Estes tem tambem uma grande difficuldade em guardar as folhas dentro de suas moradas, quando dependurada, porque tendo tudo cheio com ellas não pódem evitar que se lhes tire alguma porção d'ellas. Não succede o mesmo nas pilhas ou depois das manocas feitas e enfardadas, porque uma grande porção de tabaco se accomoda em um quarto, que se fecha.

Ao illustrado e zeloso presidente da Commissão recommendamos que de accordo com o ex.mo conselho da administração, dê as suas instrucções, as quaes deverão ser impressas em separado e remettidas a todos os cultivadores, cujos nomes e moradas são conhecidos na Commissão.

Este meio é preferivel ao da publicação em algum jornal politico, como é o *Primeiro de Janeiro*, o qual nem todos tem e passa desapercebido, ao passo que um impresso, expressamente mandado aos agricultores, é o manual, que os dirige e habilita para procederem correctamente. Se até agora isso se podia dispensar, attenta a pequena extensão da cultura e as incertezas de venda, hoje é necessario porque o numero dos cultivadores é crescido e o comprador unico deve dizer o modo, como quer ser servido; e com effeito póde ser muito melhor servido com vantagem do productor. Será este um assumpto que o digno presidente deverá resolver com a possivel brevidade.

CONDE DE SAMODÃES.

SECÇÃO AGRICOLA

UMA EXCURSÃO Á MERCEANA

Qualquer pessoa que viaje pelo caminho de ferro de Torres, já póde vêr, olhando para um e outro lado da linha, que o geral do vinhedo tem um aspecto pouco animador; nós, porém, que temos seguido os progressos da phylloxera n'essa fertilissima região viticola, voltámos da nossa digressão fundamente impressionados porque a decadencia das vinhas é manifesta de anno para anno, e o caminho para a ruina segue com rapidez nunca vista.

Tendo desembarcado em Dois Portos, em direcção á Merceana, seguimos a estrada que corta a parte da região de Torres que produz os vinhos mais qualificados. Já em Dois Portos, aldeia que a producção vinicola transformou, ha 6 annos para cá, tornando-a rica e alegre, as vinhas tomam triste aspecto pelas numerosas manchas que a cada passo se encontram; mas é na Ribeira de Maria Affonso, onde se produziam os melhores vinhos de Torres e os mais afamados vinhos brancos d'aquelles sitios, que os estragos da phylloxera começam a accentuar-se mais claramente.

As encostas d'um e outro lado até S. Domingos de Carmões, estão quasi sem vinha; principalmente na do Norte, que vae á Corujeira, Barbas de Porco e Paiol, a devastação é geral. Veem-se já ranchos d'homens arrancando cepas mortas ou moribundas, com o fim de desembaraçar o terreno para outras culturas.

Chegando ao alto de S. Domingos de Carmões a vista expraia-se por uma extensa area de vinhedo já com grandes superficies escalvadas; seguindo sempre a estrada da Merceana vão-se avistando, mais ao perto, os prejuizos quasi totaes da freguezia de Palha Canna; e, voltando para Aldeia Gallega de Merceana, sente-se tristeza ao vêr tanta devastação n'uma localidade que nos ainda ha dois annos viramos povoada de excellente vinhedo. Todas as vinhas, que a vista abrange, ao descer para a Merceana, estão perdidas, e o aspecto das encostas é tanto mais triste que a maior parte d'ellas está apenas coberta com rastolhaes das cearas que substituiram as vinhas.

N'esta região tão rica, ainda o anno passado, ha já proprietarios sem recursos, e a crise ameaça ser muito grave, mormente se não tiver saida o pouco vinho que vae colher-se e tanto mais que os proprietarios se tinham habituado a viver bem.

Chegámos emfim á quinta de Choca-Palha, propriedade do nosso bom amigo, o sr. commendador D. Duff, e então a nossa surpreza foi enorme. Já tambem ali havia rastolhaes de trigo e uma extensa manta d'homens e arrancar cepas mortas.

E, note-se: a nossa surpreza não provem da quinta de Choca-Palha estar peior ou no mesmo estado das outras propriedades; ao contrario, está muito melhor, ou por outra não tem comparação. por que os visinhos já não tem vinhas. O que nos surprehendeu foi a decadencia d'uma parte importante da propriedade, tendo sido tratada ha dois annos com sulfureto de carbonio e adubada convenientemente.

Foi o meu amigo Lecocq e eu quem aconselhou o tratamento ao sr. Duff, que se não poupou a trabalhos e a despezas para o fazer; e, no emtanto, esta grande propriedade que, ainda no anno passado attingiu a sua maxima producção, apresenta este anno uma decadencia notavel.

Os tratamentos começaram ali em 1885, a pequenas nodoas; em 1886 estenderam-se mais, mas não ainda a todas as vinhas; em 1887 chegaram a toda a parte, e foi n'este anno que a colheita subiu a uma cifra nunca attingida; no inverno e primavera de 1888, já muitas parcellas de terreno deixaram de ser tratadas por se reconhecerem muito fracas, sem raizes, sendo algumas semeadas de cereal, e na occasião da nossa visita, com raras excepções, as vinhas apresentavam aspecto pouco agradavel.

Nota-se que os talhões de vinha plantados com *Tinta miuda* e *Carrasquenho* são os mais damnificados e que as castas mais antigas, *Boal*, *João Paulo*, *Tintureiro*, *Trincadeira*, etc., que eram as dominantes na região, antes da adopção geral d'aquellas duas variedades de grande producção, se sustentam e conservam com regular apparencia.

E este facto observa-se em toda a parte onde existe a *Tinta miuda*, que parece ter uma susceptibilidade extraordinaria para a phylloxera, a ponto de morrer logo ao segundo ou terceiro anno de ataque.

De nada valeram pois, ao nosso amigo Duff os conselhos que lhe demos e que elle teve sempre a peito seguir. Verdade seja que sempre lhe dissemos que elle não podia conservar uma tão extensa area de vinhedo e que muitos terrenos seriam improprios aos tratamentos pelo sulfureto, por serem muito compactos.

Mas é tal o nosso espanto em presença d'uma tão notavel decadencia das vinhas de Choca-Palha, ainda assim incomparavelmente melhores do que as que não tiveram tratamento, que eu chego a duvidar que os tratamentos se effectuassem com regularidade, em todas as vinhas e em todos os annos.

Não poriamos esta duvida se o sr. Duff não estivesse, infelizmente, impossibilitado de dirigir e *vêr* como o serviço era feito, e não soubessemos que os seus auxiliares eram inteiramente contrarios á applicação do insecticida.

Sempre julgámos que os terrenos da região de Torres, com raras excepções, não eram dos mais proprios para a boa diffusão e efficacia do sulfureto; o bom exito que ali houvesse do tratamento insecticida deveria ser o fructo de muito cuidado na applicação; mas este systema de lucta caiu ali em tal descredito que nos parece difficilimo tentar inculcal-o por agora aos viticultores.

É possivel que de principio a lucta fosse mal encaminhada, (n'essa parte sômos tambem culpados, posto que sempre aconselhassemos os tratamentos de verão) porque nos terrenos argilosos de Torres e Merceana, nunca se deveriam fazer tratamentos d'inverno, mas sómente no fim da primavera e no verão, de maio em diante, applicando 20 grammas de sulfureto por m.2 em furos pouco distanciados, de 0m 40 a 0m,50, e a uma profundidade nunca superior a 0m,20.

Hoje, porém, tendo este insecticida cahido em discredito, julgamos as plantações actuaes da região de Torres perdidas sem remedio, pois. mesmo que se quizesse emprehender novos tratamentos em epocha adequada e em condições mais apropriadas, as vinhas não dariam tempo para essa experiencia, porquo morrem d'um anno para o outro.

Agora é pensar na replantação com cepas americanas; e, effectivamente, é n'este indirecto meio de lucta que todos fundam as suas esperanças, havendo um bom symptoma, para d'elle se colherem os devidos resultados, que é—tanto os proprietarios *como os seus feitores e caseiros*, mostrarem verdadeira crença na vinha resistente.

Mas parece que têem erenças exageradas, porque se não trata de escolher as melhores castas, nem as plantas que em terrenos semelhantes se mostram mais adaptaveis aos terrenos da região; o que querem é arranjar muita vinha americana, sejam quaes forem as variedades.

Ora Deus queira que estas imprudencias não compromettam tambem este valioso meio de defeza, como succedeu em França nos primeiros tempos, tendo-se, por isso, perdido uns poucos de annos.

Na adopção das cepas americanas ha duas cousas principaes a attender: —a adaptação ao terreno, e a sua affinidade para a enxertia. Para se chegar a fixar quaes as castas que se dão n'uma terra e qual o melhor systema de enxertia e a casta europea que melhor se casa com os cavallos americanos, é necessario muita prudencia a fim de se não plantarem senão as castas reconhecidamente resistentes, que outras plantações, em terrenos eguaes, indiquem como adaptaveis, e não enxertar ao acaso, como se fazia nas nossas velhas vinhas.

Pelo que vimos em França e pelo

que conhecemos das plantações de vinha americana no nosso paiz, parece-nos que os lavradores da região de Torres podem replantar os seus terrenos com *Riparias*, *Rupestris*, *Solonis* e *Jacquez*; este ultimo servindo tanto para cavallo como para productor directo. Por ora, em quanto experiencias locaes não indicarem o contrario, sómente estas devem entrar em cultura regular.

As enxertias podem effectuar-se passado um ou dois annos da plantação conforme o desenvolvimento dos bacellos, *sur-place*, ou no viveiro, plantando logo, de vez, barbados enxertados, que constituem sempre vinhas mais regulares.

Na região de Torres já se encontram muitos viveiros de bacellos americanos e algumas pequenas plantações de Jacquez, que estão lindissimas, e d'outras castas para enxertia. Na Quinta de Choca-Palha ha já uma plantação de Riparias, Rupestris, Jaquez e Herbemont, feita a 2 metros de distancia, e viveiros d'estas mesmas castas e de Othello, Vialla, Solonis, algumas das quaes foram enxertadas em Carrasquenho, tendo uma vegetação soberba, especialmente o Jacquez. Por este systema enxertia nas castas indigenas) obtem-se bacellos muito rapidamente, muito bons e em grande quantidade. Observámos no Jacquez e no Othello, muitas folhas atacadas de *mildiú*, que já tinha sido communicado ás vinhas indigenas proximas. O Othello era mais atacado.

Tambem vimos nas Folhas da Vialla *galhas* phylloxericas, que, como se sabe, não apparecem nas folhas de vinha europea, e mesmo tem sido raras nas americanas cultivadas no nosso paiz, dentro das quaes se encontrava uma *poedeira* com centenares d'ovos em volta, que, transformados em insectos, se dirigem para as raizes.

*

Da Merceana fizemos um passeio á Labrugueira á quinta do nosso excellente amigo, o sr. Antonio Maximo Lopes de Carvalho, distincto viticultor e um dos mais conscienciosos escriptores agricolas portuguezes, que esta *revista* tem a honra de contar no numero dos seus assiduos collaboradores.

Até ao Freixeal as vinhas estão menos más.

Em Villa Chã tambem se encontram plantações regulares.

A afamada quinta da Fonte d'Ouro está já muito perdida, mas logo adiante encontram-se as vinhas de Cortegana que estão um pouco melhores.

E' n'esta localidade que o sr. visconde de Chancelleiros tem um extenso dominio viticola, parte cultivado directamente, parte ao terço, que em annos regulares lhe tem produzido de 3 a 4 mil pipas de vinho.

Encontram-se n'essa grande propriedade vinhas de primeira ordem, muitas das quaes já gravemente compromettidas pela phylloxera.

Não tivemos occasião de examinar de perto essas vastas plantações, mas informam-nos que o illustre titular e notavel viticultor, emprega todos os esforços para conservar as vinhas existentes e tentar ir repovoando o terreno devastado com cepas americanas, para o que já está previdо com bacellos das melhores castas e principalmente de Jacquez.

Os meios de lucta, que o srs. visconde de Chancelleiros tem empregado para conservar a vinha indigena são: o sulfureto puro, empregado em injecções; o sulfureto em agua; e a submersão.

Dos dois ultimos fez este anno o primeiro ensaio, por isso nada se póde ajuizar dos resultados, parecendo-nos, pelo que nos consta, que o processo empregado para a dissolução do sulfureto na agua é imperfeitissimo e incapaz de realisar a operação por modo a surtir o effeito que o inventor do systema annunciou.

Do sulfureto de carbonio puro, applicado com os injectores, dizem-nos que tem conseguido exitos variaveis, mais em geral, pouco animadores.

Logo adiante da Cortegana está a Labrugeira, pequena aldeia, mas notavel por n'ella ter vivido um benemerito agricultor, dos mais illustrados e enthusiastas apostolos do progresso agricola, Antonio Lopes de Carvalho, que foi o primeiro director da quinta Regional de Cintra.

A sua quinta da Labrugeira, foi o que em França se chama uma *ferme-école*, uma quinta-modelo, onde se executavam os mais aperfeiçoados processos agricolas do seu tempo e se realisava a administração mais scientificamente agronomica.

Esta excellente propriedade, muito grande e muito boa está hoje entregue aos seus dois sympathicos filhos, Antonio e Gaspar, herdeiros das honradas tradicções d'aquelle emerito agricultor.

Com a transformação agricolas porque passou esta parte da Extremadura, onde a videira cobre todos os valles e sobe a todas as encostas, a grande varzea da quinta do fallecido Lopes de Carvalho, que andava no seu tempo cultivada, com o maior esmero, de cereaes, prados e outras plantas agricolas, foi toda plantada de vinha pelos seus herdeiros.

Visitámos essas bellas plantações, cheias de vigor e carregadas d'uvas, e n'ellas divisámos já alguns fócos do germen que ha-de fazer a sua ruina.

O sulfureto de carbonio tambem foi ensaiado, mas os effeitos do seu emprego não são apparentes.

O nosso distincto amigo, o sr. A. M. Lopes de Carvalho, tem muita fé na vinha americana, e já fez, na encosta, uma plantação de Jacquez, que se acha notavelmente desenvolvida e vigorosa.

Está em boas mãos o bom uso que ha a fazer das cepas resistentes, por isso confiamos na sua illustração, para guiar os seus visinhos na reconstituição dos vinhedos arruinados.

A' volta da Labrugeira seguimos em direcção a Olhalvo, onde as vinhas ainda tem boa apparencia; sómente as encontramos muito atacadas de *mildiú*, nas baixas.

Entrando na estrada de Alemquer em direcção a Merceana, os estragos continuam a accentuar-se sempre e cada vez mais até chegar a Aldeia Gallega, onde a devastação é maior como já a traz dissemos.

*

Despedindo-nos do nosso bom amigo D. Duff, e agradecendo-lhe a sua sempre bizarra hospedagem, seguimos para Torres, com o fim de visitar as plantações de vinha americana das quintas do Urmeiro e da Almiara.

Escusado é dizer que em todo o precurso da Merceana a Torres a extensão de vinhas mortas augmenta extraordinariamente do anno passado para cá, e que d'ahi até ao Turcifal o incendio tem lavrado incessantemente.

De passagem para as plantações americanas, que ali nos chamavam, entrámos na Quinta da Viscondessa, onde está sendo installada uma escola pratica de viticultura, de que é director o nosso antigo amigo e ex-collega na commissão dos serviços phylloxericos, o sr. Antonio Batalha Reis. Por ora nada ha ali digno de mencionar-se: uma casa em construcção para acomodação dos alumnos, aulas etc.; muitas ruas bordadas d'arvores; perquizas d'agua; espaçosos viveiros de estacas americanas; vinha phylloxerada em mau estado; muito terreno de matto, e eis tudo o que tem, ao presente a escola em questão. Diremos no emtanto, que a propriedade foi bem escolhida, e que o edificio em construcção é modesto, contrastando felizmente com o luxo das edificações d'um outro estabelecimento agricola, não sei de quê, que a direcção geral de agricultura está fazendo em Santarem.

O viveiro de Almiara fica a dois passos da Escola; a sua installação data de 1885, tendo as Riparias e as Rupestris plantadas n'esse anno, uma vegetação soberba. Deve ser enorme a quantidade de bacellos ali produzida. Observámos uns enxertos de Tintamenda em Riparia, feitos o anno passado, em maio, e ficámos maravilhados do seu vigor e da abundancia do fructo; e, o que é importantissimo, o cavallo de Riparia acompanha completamente a grossura do garfo e solda-se com este intimamente.

A plantação do Jacquez tambem está boa. A Vialia e o Herbemont é que apresentam uma côr mais amarellada; talvez precisem de adubo.

E, a proposito, convém que os viticultores que vão adoptar as cepas americanas, tenham em vista a necessidade de adubar, mais ainda do que as antigas, as novas plantações; pois que as cepas americanas, tendo maior numero de raizes e maior força de vegetação, forçosamente hão pedir mais alimento á terra e mais fortes estrumações.

No Urmeiro a plantação de Jacquez continua muito bem e dando muito fruto. Pareceu-nos, porém, que as cepas estavam um pouco mais amarelladas do que o anno passado, e em todo o caso com um verde bem differente do da boa vegetação do Jacquez. Provavelmente é falta de estrume,—e quem não tem não póde dar.

O York-madeira tambem nos parece bem adaptado ali; fórma já troncos vigorosos e tem boa vegetação; é pena que não tivesse sido enxertado este anno; está-se a perder para a enxertia. O York-madeira é das cepas que mais provada tem a sua resistencia na Europa.

N'esta plantação, que nós mandámos fazer em 1885, com bacellos que, pessoalmente, escolhemos em Italia nos viveiros do sr. conde de Ravazenda, encontramos ainda a Vialla que este anno foi enxertada, com exito completo. As falhas foram em percentagem insignificante e a vegetação dos enxertos é soberba.

E' pena que a Vialla seja um pouco difficil na sua adaptação para resistir á phylloxera, porque é um porta enxerto de primeira ordem.

A plantação d'estas 3 boas castas americanas já hoje não está sob a direcção do governo; tomou conta d'elles o proprietario da quinta do Urmeiro, o sr. Alberto Bastos, que, com exemplo de casa, tem já feito consideraveis plantações de vinha resistente e continua a arrancar vinha morta e a preparar terreno para as continuar.

Disseram-nos que o francez que comprou o vinho do Urmeiro da colheita passada, deu por elle um preço bastante elevado só para adquirir o vinho de Jacquez, que dá realmente uma tinta carregadissima. Este facto, que corre na localidade, eleva ainda mais os merecidos creditos que o Jacquez vae tendo na região de Torres.

O Jacquez e a Riparia pódem ser a salvação para a Extremadura, como o estão sendo estas mesmas castas resistentes para o meio-dia da França.

Oxalá!

F. d'Ameida e Brito.

SECÇÃO LITTERARIA

UMA PAGINA DA HISTORIA

Parece que foi hontem e já lá vão mais de cincoenta! Nem o decorrer de tanto tempo, nem as tempestadas da minha vida tormentosa, conseguiram ainda desvanecer a profunda impressão que no meu espirito infantil fizeram os acontecimentos d'aquelle dia memoravel.

A provincia do Algarve já tinha soffrido muito pela causa da liberdade, e estava ameaçada de novas calamidades, pois constava que o brigadeiro Cabreira havia sahido de Santarem com forças importantes, tendo previamente promettido a D. Miguel que reconquistaria aquella provincia para a causa realista.

O barão de Sá da Bandeira occupava então a velha cidade de Silves, com uns mil e quinhentos homens, e ao saber da marcha do Cabreira, e que o seu fim era iuvadir o Algarve, entrando n'aquella provincia por S. Bartholomeu de Messines, immediatamente marchou para esta povoação, occupando todas os desfiladeiros e montanhas, com as forças de que podia dispôr, e que constavam de infanteria, cavallaria, e uma bocca de fego.

Amanheceu, finalmente, o dia 24 d'abril de 1834, e amanheceu tão frio que fazia regelar o coração, sem ainda se pensar no sangue que se ia derramar pelas quebradas d'aquellas montanhas, até então silenciosas.

Eram oito horas da manhã quando soou o primeiro tiro. Minha mãe e minhas irmãs, todas transidas de medo, foram para o oratorio resar. Eu tambem queria fugir para junto d'ellas, mas um creado velho, que nós tinhamos, todo fanatico pela causa realista, acostumado a ouvir o zumbir das balas, e que tinha assistido á batalha do Bussaco, desafiou-me, para ir com elle, observar as differentes phases do combate, que se ia travar.

Quando chegámos ao alto de uma montanha, onde se ergue a ermida de Sant'Anna, estava a acção no seu completo desenvolvimento. As forças realistas regulares marchavam com firmeza, e grandes bandos de guerrilhas, commandados pelo coronel de milicias Sebastião Martins Mestre, estendiam-se ao longo da Ribeira d'Arade, que forma um fosso difficil de se transpôr, a cujas margens orladas d'eloendros permitiam completo abrigo aos atiradores, que faziam um fogo terrivelmente mortifero.

Sá da Bandeira com o seu estado maior tinha tomado posição n'uma pequena collina, não longe da ribeira, onde a acção se tinha travado com maior encarniçamento.

Para ali fez elle convergir grande parte das suas forças, e foi tal a coragem e arrojo com que ellas atacaram o inimigo, que os realistas se viram obrigados a voltar ás suas primitivas posições, transpondo de novo á ribeira. Um outeiro que ficava proximo á ribeira foi tomado e retomado umas tres vezes. As forças liberaes, depois de empregarem aquelle grande esforço, começaram a hesitar esmagadas pelo numero. N'estas alturas, Sá da Bandeira, cuja valentia tocava, nas occasiões criticas, as raias de cegueira, chama o commandante de lanceiros belgas, e diz-lhe:

— Coronel, carregue com os seus lanceiros aquelles canalhas enxote-os das margens da ribeira.

— Meu general, respondeu o coronel, permitta-me v. ex.ª que lhe diga que de lá venho eu e tenho como uma temeridade ingloria o emprego da cavallaria n'aquelle terreno tão desegual. A ribeira é profunda, e de traz de cada pedra da margem opposta ha centos de guerrilhas que nos fusilam á queima roupa com a maxima impunidade.

— Avance ou considero-o como um cobarde! replicou o general, cujos olhos fusilavam.

— Covarde, eu! disse o coronel.

E voltando-se para os demais officiaes que cercavam o general disse-lhes:—camaradas! Adeus para sempre! E dando ordem de avançar partiram todos como uma avalanche.

Quando chegaram á margem da ribeira o coronel mandou varios cavalleiros a fazerem um reconhecimento, para vêr se era possivel transporem-na Tudo foi debalde.

Nós no ponto onde estavamos viamos os lanceiros cahirem uns após outros, sem que os que ficavam podessem vingar a morte dos seus camaradas. Foi então que o coronel, desesperado, atirou com o cavallo para o fundo da ribeira, n'um ponto onde havia menos agua, sendo logo seguido por alguns officiaes e soldados; mas não poderam vencer a ribanceira que se lhes oppunha. Ali foram todos fuzilados, homem por homem. Finalmente tocou a vez ao infeliz coronel. Vimol-o abrir os braços e cahir para não mais se levantar.

Depois d'este desastre, a acção estava perdida, porque não restava a Sá da Bandeira cavallaria alguma e a infanteria apavorada começava a debandar! Eram seis horas da tarde quando o general deu ordem para retirada. Vimos então o que é uma força desmoralisada! Cada qual não tratou senão de fugir.

Os officiaes ainda empregaram as maiores diligencias para cortar a debandada, mas a soldadesca a nada attendia. Alguns soldados chegavam a deitar fóra as espingardas, as barretinas, e corriam por aquelles campos como doidos. Uns tomavam a direcção da aldeia da Amorosa, outros da Zanzibreira, e ainda outros tomavam o caminho do Algor. Um outro official conseguiu reunir alguns soldados e esses, até certo ponto em boa ordem, retiravam pela estrada de Silves, ponto escolhido para reunião.

Custou esta acção aos liberaes perto de quarenta mortos, grande numero de feridos, bagagens importantes, muitos prisioneiros e uma bocca de fogo. As forças realistas, que na maior parte vinham quasi em completa nudez, encontraram no campo fortes guarda-roupas, e os guerrilhas começaram logo a despir os mortos e os prisioneiros, sem mais contemplações,

. . . . . .

Na noute d'aquelle desgraçado dia quando nós todos, eu e meus irmãos, nos aconchegavamos á nossa chorada mãe, que nos pedia resassemos por alma dos infelizes que tinham exhalado o seu ultimo suspiro n'aquelles corregos escalavrados, ouvimos bater á porta.

Minha mãe primeiramente hesitou em responder, mas depois, lembrando-se de que talvez fosse algum desgraçado que procurasse asylo contra os guerrilhas, mandou resolutamente abrir a porta. Era um official superior realista acompanhado de uma senhora immensamente formosa, cujos olhos negros e rasgados exprimiam a maior ternura. Os seus labios balbuciaram um—obrigado—tão suave, que nos dispoz todos a seu favor.

O official era ainda muito novo Vinha todo coberto de poeira. Parece que ainda estou a vel-o com grande barba preta e a sua immensa cabelleira!

Entrou, sentou-se e ficou logo mergulhado em profunda tristeza. Pouco depois levantou-se e possuido da maior exaltação disse para a mulher:

— Estamos perdidos, minha filha. Já não nos resta esperança alguma. A nossa causa tem a dedicação dos pequenos, mas os grandes são ineptos ou traidores, Pois não vês que esse homem que nos commanda, em vez de aproveitar a victoria, que alcançamos, e marchar já, já, a marchas forçadas, sobre Faro, nosso principal objectivo, deixa-se ficar á espera da patente de marechal de campo, e quando souber que o «Maneta» occupou Faro é que ha-de querer fingir que o vae atacar?! Com homens d'estes, toda a causa, por mais santa que seja, está perdida. Agora só me resta ir servir. E foi para isto, minha filha, para te dar um futuro tão sombrio, que eu fui roubar-te ás caricias dos teus! Tão mimosa, tão meiga, mulher d'um creado de servir! Porque eu vou servir, e já esta noite não fico aqui. Crê, minha filha, que as minhas intenções eram santas. Major aos trinta annos, o futuro antolhava-se-me risonho. Esperava fazer-te feliz, muito feliz!

A pobre senhora abraçava o marido, toda lacrimosa, e prodigalisava-lhe as mais ternas caricias. Dizia-lhe que não desesperasse porque ella tinha muita fé no futuro, e esperava que ainda haviam de passar tempos muitos felizes. Emfim depois de muitos rogos, muitos carinhos, conseguiu que o marido ficasse tranquillo.

Passado algum tempo foram para o quarto que se lhes tinha destinado, e todos nós fomos descançar.

Alta noite ouvimos gritos de soccorro. Corremos ao quarto dos nossos hospedes e encontramos a senhora abarçada ao marido que nadava n'um mar de sangue.

O desgraçado, julgando-se perdido, havia-se atravessado com a propria espada.

A impressão de tão horrivel acontecimento deixou-me doente por muitos dias. E' por isso que o dia 24 de abril de 1834 me parece que foi ainda hontem.

Almançor.

O SAL DO MAR

CONTO NORUEGUEZ

(Asbjornson)

Era uma vez dois irmãos, um muito rico, outro pobre. Isto aconteceu ha annos. Chegou a vespera do Natal e o pobre não tinha em casa uma migalha de pão para roer; foi a casa do irmão, e pediu-lhe pelo amor de Deus alguma coisa para festejar o Natal.

Ora, não era esta a primeira vez que o irmão rico repartia com o outro e, valha a verdade, não morria por dar.

«Dou-te um presunto inteiro, se tu fizeres o que eu te disser», disse o irmão rico.

O irmão pobre prometteu tudo o que o outro quiz, e ainda por cima se desfez em agradecimentos.

«Bem, aqui o tens. Agora é marchar para o Helvede, (1) disse o rico, atirando com o presunto ao irmão.

«Pois sim, o dito, dito», retorquiu o outro sobraçando o presunto e saindo.

Foi andando, andando, durante o dia inteiro, e era já noite quando chegou a um recinto brilhantemente illuminado.

Está-me a parecer que é aqui, pensou o homem de presunto. Fora de baixo d'um telheiro. estava um velho de longa barba branca, a rachar lanha.

«Ora muita boa noite!« disse o homem do presunto.

«Boa noite! Para honde vae o homem?» perguntou-lhe o velho.

«Vou para o Helvede, e se me não engano, parece-me que é por aqui o caminho», respondeu o pobre.

«Sim, senhor, é por aqui mesmo», disse o velho. Assim que vocemecê entrar, verá que todos lhe querem comprar o presunto, porque a carne de porco poucas vezes se vê no Helvede; mas não o venda, a não ser que lhe deem em troca o moinho de mão, que está a traz da porta. Depois, quando vocemecê sahir, eu lhe ensinarei a servir-se do moinho e verá que a minha lembrança vale alguma coisa».

O homem do presunto agradeceu muito ao velho o seu bom conselho, e bateu á porta do Fanden (2).

(1) Helvede, significa inferno em norueguez.

(2) Fanden em norueguez quer dizer diabo.

Depois de entrar, succedeu exactamente o que o velho tinha previsto; todos os diabos grandes e pequenos, guerreando-se uns aos outros, todos á porfia queriam tirar o presunto.

«De direito, o presunto devia ser para minha mulher e para mim para o jantar do Natal, mas já que tanto se empenham em o comprar, que remedio tenho eu senão vendel-o, disse o homem. Mas, se por força o querem, hão-de dar-me o moinho que está atraz da porta».

Fraden, muito teimoso, não queria de fórma nenhuma desfazer-se do moinho; mas o homem não cedia, e, por fim, Fanden fez a troca.

Quando o homem do presunto saiu para fóra, foi ter com o velho para que lhe explicasse o que havia de fazer do moinho, e, depois de varias explicações e de muitos agradecimentos, pôz-se a caminho para casa, estugando o passo, mas. por mais depressa que andasse, não chegou antes da meia noite.

— Ora esta, a que horas tu vens para casa, disse-lhe a mulher. E eu aqui sósinha, ralada, farta de esperar, sem ter sequer dois carvões para pôr no lume.

— O que queres tu, não pude vir mais cedo. Tive que fazer, e dei uma grande caminhada. Mas tu vaes ver se empreguei bem o tempo ou não! disse-lhe o marido.

Poz o moinho em cima da meza, e fel-o moer primeiro luz, depois toalha, depois comida e bebida, tudo manjares proprios d'um jantar de Natal. Tudo o que elle pedia, o moinho lhe apresentava.

A mulher esbugalhou muito os olhos, persignou-se varias vezes, e, por ulfimo, quiz saber a proveniencia do moinho, mas o marido teimou em lh'o não dizer.

— Que te importa a ti onde eu o fui buscar? O que tu vês é que o moinho é bom e que a mola se não gasta, respondeu-lhe o homem.

Depois moeu mais comer e mais bebidas, preparou um banquete e convidou varios amigos.

Quando o irmão rico veio e viu tanta riqueza, todo se roia de inveja, porque não podia levar á paciencia que o irmão tivesse alguma coisa.

— Na vespera do Natal estava tão necessitado, que me foi implorar uma esmola, e agora é isto que se vê, um festim que nem o d'um rei, disse o irmão rico para os circumstantes. Mas onde diacho foste tu topar no Helvede com tamanha fortuna? disse elle para o irmão.

— Encontrei-a atraz da porta, respondeu o dono do moinho.

E n'aquella occasião não esteve para mais explicações; mas, para o fim do jantar, soltou-se-lhe a lingua e não teve mais mão em si. Foi-se a buscar o moinho.

— Aqui teem o que me deu toda esta riqueza, disse elle, e começou a moer tudo que lhe veio á cabeça.

Assim que o irmão tal viu, decidiu logo comprar o moinho, e, por fim, chegaram a um accordo, dando elle ao irmão trezentas libras, e com a condição de só receber o moinho pelo tempo da ceifa.

— Durante todo este tempo, posso moer muita coisa, pensou o dono do moinho.

Póde-se fazer uma idêa se o moinho parou um momento d'ali até á ceifa.

O irmão veio, e levou o moinho como estava combinado; o que não perguntou, nem o outro lhe disse, foi a maneira de o fazer parar.

No dia seguinte áquelle em que o ricaço levou o moinho para casa, disse elle para a mulher que fosse vigiar os ceifeiros, que o juntar ficava por sua conta.

A mulher foi. Quando eram horas de jantar, pegou o homem do moinho e levou-o para a meza da cosinha.

— Moe-me para aqui sopa e harenques, e isso depressa e bem!—disse o homem; o moinho pôz-se a moer harenques e sopa, primeiro para as travessas e para os pratos, e depois para o chão. O homem, muito atarantado, o que queria era fazer parar o moinho, mas por mais geitos que lhe désse, por mais esforços que empregasse, não havia meio de o travar.

Abriu a porta para a casa de jantar, mas d'ahi a pouco era já tal a quantidade de peixe e de caldo, que a *muito custo* conseguiu deitar a mão ao fecho da porta e sahir para fóra. Deitou a correr com quanta ancia tinha, e atraz d'elle a sopa e os harenques, espumando como encapellado mar.

Por este tempo a mulher já se ia espantado da demora do marido.

— O melhor que temos a fazer é ir caminho de casa, apesar de meu marido não nos ter ainda chamado. Não tem lá muito geito para fazer comida, e talvez precise d'uma ajuda, —disse ella, para os ceifeiros.

Assim foi. Pozeram-se a caminho de casa, mas quando chegaram ao alto das montanhas, deram com a enxurrada dos harenques e da sopa, e o homem a correr ádiante.

— Prouvera ao ceu que vocês tivessem cada um um cento de estomagos!—bradou-lhes o ricaço. Tomem conta não se afoguem na sopa do jantar!—e continuou á desfilada, como se o diabo lhe fosse no encalço, na direcção da casa do irmão.

Pediu-lhe por tudo quanto havia que fosse buscar o moinho n'aquelle mesmo instante. «Se moe por mais uma hora, morrem todos por causa dos harenques e da sopa», disse elle.

Mas o irmão é que se não decidiu a ir buscar o moinho sem receber primeiro mais cem libras.

E aqui está como o pobre ficou com o dinheiro e com o moinho, e passou a habitar uma vivenda mil vezes mais sumptuosa do que a do outro irmão. Moeu quanto oiro quiz, tanto que cobriu inteiramente a casa, e como ficava á beira-mar, reflectia-se rutilante nas aguas. Todos os que por alli passavam queriam fallar ao possuidor de tamanhas riquezas, e ver o maravilhoso moinho, porque era tal a sua fama, que se espalhára pelo mundo inteiro.

Decorrido tempo, appareceu o dono d'um navio, que tambem queria vêr o moinho. Perguntou se moia sal.

— Já se vê que sim, que moe sal! —disse o dono d'elle; assim que tal ouviu, o dono do navio fez logo tenção de o adquirir, custasse o que custasse, para evitar perigosas viagens, pelos mares fóra, em demanda de sal.

Ao principio o dono do moinho não queria ouvir razões, mas o marinheiro tanto pediu, tanto instou, que por fim o obteve, em troca de muitos milhares de libras.

Assim que o dono do navio apanhou o moinho, tratou de se fazer ao largo, com receio não mudasse o outro de tenção. Nem sequer teve tempo para lhe perguntar a maneira de o fazer parar; começou a navegar, e assim que se viu no mar alto, pegou do moinho e bradou-lhe:

— Moe-me sal, e isso depressa e bem!

Assim aconteceu; o moinho começou a deitar sal que espadanava brilhante no ar.

Encheu-se o navio, e o marinheiro quiz fazer parar o moinho, mas todas as tentativas e esforços foram baldados, e o moinho continuava a deitar sal d'uma maneira espantosa, até que por fim era tal a quantidade e o peso, que o barco foi ao fundo.

E lá está o moinho no fundo do mar, a moer, a moer sempre, e ahi está a razão porque a agua do mar é salgada.

Nemo.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 12

Decreto declarando de utilidade publica e urgente a expropriação de diversos terrenos na cidade de Guimarães, para a abertura de uma rua.

Decreto dissolvendo a junta de parochia da freguezia de Lanhezes, no districto de Vianna do Castello.

Decreto determinando os limites das freguezias de Cativellos e Arcozelo.

Rectificações á lista dos livros approvados para servirem de texto nas aulas de instrucção secundaria.

Portaria mandando abrir concurso para o provimento das egrejas parochiaes uos concelhos de Mogadouro e Miranda do Douro.

Carta regia nomeando o principe D. Carlos capitão de mar e guerra.

Diario de 13

Relação dos titulos de renda vitalicia.

Alvará approvando a transmissão da propriedade da mina de cobre em Arronches.

Diario de 14

Decreto determinando que os portos de vigia de Pardelhas, Lavadores, Senhor da Pedra, Arião e Massarellos, na circumscripção aduaneira do norte, sejam classificados portos de despacho de segunda classe.

64

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

— Wilfred d'Ivanhoé, prisioneiro. ferido, e em perigo de vida! A vida de todos os que estiverem n'este palacio me garantirá a d'elle. Onde está elle?

— Esta escada de caracol vai ter ao seu quarto, quereis que vos conduza lá?

— Não. Ide esperar as minhas ordens na torre. Eu não me fio em vós, senhor de Bracy.

Durante este combate, e o curto colloquio que se seguiu, Cedric, á frente d'um corpo de archeiros que acabava de passar a ponte, e entre os quaes se achava o ermitão de Copmanhurst, perseguia os soldados desanimados e desesperados do cavalleiro normando. Alguns pediram quartel, outros oppozeram uma resistencia inutil, a maior parte d'elles fugiram para o pateo do palacio.

O senhor de Bracy, tendo ficado só, seguiu com a vista o seu vencedor com um ar humilhado.

— Não se fia em mim! repetiu elle: mas acaso dei-lhe eu motivos para se fiar? Levantou a sua espada, tirou o seu capacete em signal de submissão, caminhou para a torre, e entregou a sua espada a Locksley, que encontrou no caminho.

Entretanto, o incendio fazia progressos, e já se fazia sentir no quarto em que Rebecca assistia a Ivanhoé, que tinha acordado ao barulho do segundo combate, e rogado com instancia á filha d'Isaac para se pôr de novo á janella, a fim de lhe contar o que se passasse. Mas bem depressa a vista do campo de batalha foi interceptada pelo espesso fumo, que sahia de uma torre visinha, e pelos gritos, ao fogo! agua! que se ouviram n'esta parte do palacio por cima de todos os gritos dos combatentes.

— O palacio está em fogo, disse Rebecca; arde: que faremos para nos salvar.

— Fugi immediatamente, Rebecca, disse Ivanhoé, ponde-vos em segurança; quanto a mim nenhum soccorro humano me poderá salvar.

— Não fujo, bradou Rebecca: salvar-nos-hemos ambos, ou ambos morreremos. Mas, Deus d'Abrahão! meu pai! meu pobre pai! qual será o seu destino?

N'este momento abriu-se a porta do quarto, e entrou n'elle o templario. O seu aspecto era medonho; a sua armadura dourada estava quebrada e coberta de sangue, e a pluma, que fluctuava sobre o elmo, em parte queimada:

— Acho-te finalmente, disse elle a Rebecca: vê que sustento a palavra que te dei de partilhar comtigo o nosso bom, ou máu destino. Não nos resta mais do que um meio de salvação, e venci cincoenta perigos para vir mostrar-t'o. Levanta-te, e segue-me immediatamente.

— Não vos seguirei só, respondeu Rebecca; mas, se mamastes no seio d'uma mulher, se conheceis alguma cousa a caridade, e a piedade; se o vosso coração não é tão duro como a vossa couraça, salvai o meu pai, salvai este cavalleiro ferido!

— Rebecca, respondeu o templario com o seu sangue frio do costume, um cavalleiro deve saber encarar a morte, quer ella se apresente na ponta d'uma lança, quer no meio das chammas; quanto ao judeu, quem diabo se lembra do que lhe poderá acontecer?

— Guerreiro brutal, exclamou Rebecca, morrerei antes nas chammas do que acceitar o teu soccorro.

— Não terás a escolha livre, Rebecca; escapaste-me uma vez, mas jámais mortal algum me escapou duas vezes.

A estas palavras tomou-a nos braços, e levou-a para fóra do quarto, apezar dos seus rogos, dos seus gritos e sem prestar a menor attenção ás ameaças e insultos d'Ivanhoé, que gritava com uma voz de trovão.

— Scelerado templario, opprobrio da tua ordem, deixa essa rapariga, traidor de Bois-Guilbert! todo o teu sangue me responderá por este ultrage.

— Sem os teus gritos, Wilfred, diz o cavalleiro negro que entrou n'este momento no quarto, não te teria achado.

— Se sois um cavalleiro, persegui esse cobarde raptor, salvai lady Rowena, procurai o nobre Cedric, e não vos inquieteis por mim.

— Cada um terá a sua vez, disse o cavalleiro do cadeado, agora tocate a tua.

A estas palavras, agarrou Ivanhoé, e levou-o com a mesma facilidade com que o templario levára a Rebecca, correu até á porta falsa, entregou-o ao cuidado de dous archeiros, e entrou no palacio para ajudar a salvar os outros prisioneiros.

Tinha-se communicado o fogo da torre, a muitas outras partes do edificio; comtudo as chammas não faziam progressos tão rapidos, sustadas pela espessura dos muros e solidez das abobadas. Mas as partes do edificio, em que o incendio não exercia os seus destroços, formavam o theatro d'uma scena nada menos horrorosa, onde o homem desenvolvia os seus furores. Os aggressores perseguiam de quarto em quarto os defensores do castello, e fartavam no seu sangue a vingança que os animava contra os soldados do feroz Cabeça-de-Boi. Debalde alguns pediram graça, nenhum a obteve; outros bateram-se desesperados, e venderam caras as vidas. O ar retinia com o ruido das armas e gemidos, e o pavimento estava inundado com o sangue dos mortos e feridos.

Cedric, no meio d'esta scena de confusão, acompanhado pelo fiel Gurth. durante a barafunda, nunca tinha largado o seu senhor, e havia aparado mais d'um golpe que lhe era dirigido. O nobre saxonio foi assaz feliz para achar a sua pupilla no instante em que, tendo as esperanças quasi perdidas, ella apertava contra o seu seio uma cruz que trazia no pescoço, e dirigia ao céu ferventes preces que julgava serem as ultimas. Confiou-a a Gurth e encarregou-o de a conduzir á torre. Os inimigos então não eram já perigosos, e o caminho ainda não estava interrompido pelas chammas.

Comtudo Cedric continuou as suas pesquisações no palacio na esperança d'achar o seu amigo Athelstane, e estava determinado a correr todos os riscos para salvar o ultimo descendente dos reis saxonios. Mas, antes de chegar á sala em que elle mesmo tinha sido detido, o espirito inventor de Wamba tinha já achado meio para se escapar, assim como o seu companheiro d'infortunio.

Quando a bulha e o tumulto indicaram que se estava no auge do combate, durante o segundo assalto, o doudo pôz-se a gritar com toda a força dos pulmões:

— S. Jorge e a Inglaterra! O palacio é nosso! E, para tornar os gritos mais medonhos, batia uma armadura velha contra outra, que se achavam suspensas nas paredes da sala.

Um guarda posto á porta, amedrontado, julgou que os inimigos tinham penetrado n'aquelle quarto por alguma janella, e possuido de medo, fugiu sem tratar de fechar a porta, para ir dar esta noticia ao templario. Os dous prisioneiros não acharam então nenhuma difficuldade em se escapar, e depressa chegaram ao pateo do palacio, que ainda apresentava uma scena de combate. Muitos soldados da guarnição, uns a pé, outros a cavallo, tinham-se reunido ao templario, e procuravam, retirando-se com as armas na mão, assegurarem-se do unico meio de salvação que lhes restava. Bois-Guilbert tinha feito abaixar a ponte levadiça, mas a passagem era difficil e perigosa, pois que uma parte dos aggressores tinham se postado diante da porta principal do castello, para tirar aos sitiados todos os meios de fuga; e, assim que se abaixou a ponte, esforçaram-se em entrar para ter a sua parte na pilhagem, antes que a fortaleza se consumisse com as chammas. Por outro lado os que tinham entrado pela porta falsa apertavam devéras esta pequena tropa por detraz, de sorte que se achava atacada ao mesmo tempo por dous lados.

Animado com o desespero e com o exemplo do seu indomavel chefe, este punhado de soldados fez prodigios de valor; e, como se achavam bem armados, vingaram-se mais d'uma vez em repellir os seus inimigos, apezar de que lhe eram bem inferiores em numero. Rebecca, a cavallo diante d'um dos escravos sarracenos de Bois-Guilbert, estava no meio do grupo, e o templario, apezar da desordem e confusão d'um tal momento, velava com o maior cuidado na sua segurança. Montado no seu excellente cavallo de batalha, viam-no por toda a parte a animar e soccorrer os seus soldados; a cada instante voltava ao pé da bella judia, cobria-a com o seu escudo, esquecia a sua defeza pessoal para velar na d'ella; e dando um grito de guerra, lançava-se na multidão, fazia morder a terra aos mais destimidos aggressores, e apparecia de novo ao seu lado.

Athelstane, ainda que indeciso e indolente, como o leitor o sabe, não era desprovido de valor. Vendo uma mulher coberta com um véu, que o templario protegia com tanto cuidado, não duvidou que fosse lady Rowena, e que elle estivesse disposto a arrebatal-a, apezar da resistencia que lhe poderiam oppôr.

— Pela alma de S. Eduarde, exclamou elle hei de tirar lady Rowena das mãos d'este perfido cavalleiro, e este ha de morrer ás minhas mãos.

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

16 DE NOVEMBRO DE 1888.

Graças a Deus, que já o tempo é bom e boas são egualmente as esperanças de que assim continue. Restabeleceu-se finalmente a regularidade das communicações, e isso é já um bem apreciavel. Os estragos foram muitos por esse paiz fóra, mas as desgraças pessoaes foram em numero muito limitado: pois era muito o que n'este sentido se esperava—tal foi a tempestade, tal foi a quantidade d'aguas que por toda a parte encheram os rios e os solos. Passou por conseguinte o mal e isso é um enorme bem.

— Sua Magestade a Rainha deve chegar a Lisboa na proxima segunda-feira, no *Sud-Express*, ás 3 da tarde. El-Rei, os principes, o sr. infante D. Augusto, e os ministros irão esperal-a ao Entroncamento, onde almoçarão. Os reaes viajantes, que regressam, veem de perfeita saude. Em Madrid tiveram Suas Magestade e Alteza o duque do Porto o acolhimento mais affectuoso. Na *gare* foram esperados pela propria Rainha de Hespanha, pela sua côrte, pelo principe da Baviera, pela legação, pelo consulado portuguez e por muitos hespanhoes e portuguezes.

— Trabalha-se activamente para resolver o sr. Fernando Palha a continuar á frente dos negocios municipaes de Lisboa, e crê-se agora que s. ex.ª annuirá aos votos e ás instancias de tantos dos seus amigos.

— A' ultima hora, corre por ahi que o sr. conde de Valbom virá occupar a pasta dos estrangeiros, passando definitivamente para a marinha o sr. Barros Gomes. Parece a muitos correligionarios nossos muito acertada esta combinação.

— Cerca de 200 estudantes do lyceu procuram o sr. ministro do reino, pedindo para os alumnos externos e internos fazerem tantos exames na primeira epoca, como na segunda. O sr. ministro do reino com a afabilidade que tanto o distingue, respondeu que formulassem o pedido por escripto, para o confrontar com a representação dos professores e estudantes do Porto. Os estudantes deram vivas ao ministro.

— A vaga de governador civil de Santarem acaba de ser procedida n'um cavalheiro dignissimo. O escolhido foi o sr. dr. Victorino de Carvalho, chefe do partido progressista em Ourem, e um dos caracteres mais distinctos do districto. O nomeado allia ás distinctas qualidades que possue o ser amigo pessoal e muito dedicado do snr. presidente do conselho de ministros.

— O sr. ministro das obras publicas, logo que teve conhecimento dos desastres que as chuvas causaram em Leiria, telegraphou ao sr. engenheiro Adolpho Loureiro ordenando-lhe que, acompanhado por um dos inspectores ou pelo sr. Pires Gomes, partisse immediatamente para Leiria, a fim de providenciar na reparação dos estragos causados na cidade pela innundação do rio Liz. S. ex.ª auctorisou toda a despeza precisa. E egual ordem transmittiu logo aos directores das obras publicas de todos os districtos do continente. Prova isto mais uma vez os cuidados que lhe merecem os negocios que dirige.

— Realisou-se ante-hontem nos sumptuosos salões dos srs. marquezes da Foz uma brilhante *soirée*, a que concorreu tudo o que ha de mais distincto no mundo diplomatico e politico, na alta aristocracia e no alto commercio, nas lettras e nas artes. A maravilha do encantador passatempo foram as extraordinarias experiencias hypnoticas realisadas pelo professor conde Das em sua esposa. Madame Das, com os olhos fechados e tendo sobre elles dous bocados de cartão e ainda sobre estes bocados de cartão um pequeno lenço e ainda sobre este pequeno lenço um outro muito maior, jogou uma partida de dominó com o sr. Fernando Palha. Sendo este cavalheiro o primeiro a jogar, collocou sobre a meza o doble-scena. Madame Das não tinha nenhum seis, e, portanto, foi obrigada a comprar pedras. A sorte era-lhe adversa e só á undecima pedra é que lhe veio ás mãos a que desejava. Durante todo o jogo mostrou-se muito satisfeita, não tendo tido a menor hesitação quando chegava a sua vez de jogar. As suggestões dos medicamentos foram completas. O extasis, a embriaguez, o pavor, a ira, a dôr, a alegria, todas estas manifestações do sentimento causaram a maior admiração e foram acolhidas com enthusiasmo pela selecta sociedade convidada para assistir ás prodigiosas experiencias. No fim d'estas, que duraram perto de tres horas, madame Das tornou a si, como se cousa alguma de extraordinario se tivesse passado com ella.

Admiravel tudo isto!

— Falleceu o conde da Guarda que foi sepultado ante-hontem no cemiterio Oriental. Foi no seculo chamado Luiz de Oliveira e Almeida Calheiros Menezes, 1.º conde da Guarda. Personagem muito conhecido e relacionado na nossa primeira sociedade, foi um dos defensores da causa da liberdade e por ella batalhou e soffreu sacrificios. Descendente de familia nobre da Beira, era alcaide-mór de Ceia, official-mór da casa real, commendador de Christo e cavalleiro de Malta. Nascera em 22 de novembro de 1812.

— O sr. coronel Jorge Oom, que ahi esteve ha pouco na presidencia da 1.ª junta de inspecção militar vae pedir a sua reforma, que lhe será dada em general de brigada. E' um militar brioso e um cavalheiro dignissimo.

— Veio da Murtoza a mulher do assassino do cunhado—o infeliz Custodio. Apresentada na policia, depoz que desde que tivera o primeiro filho, parece-lhe que se transtornára a razão do marido, porque não deixára de soffrer maus tractos, a ponto de ser necessario fugir duas vezes de casa para a terra da sua naturalidade; que receiava que o marido não quizesse de fórma alguma vêl-a, porque era de esperar que elle lhe fizesse o mesmo que fizera a seu irmão, e n'esta convicção tem-se recusado pertinazmente a ver o marido, que segundo as mais auctorisadas opiniões, está positivamente doido.

— Já saiu de Pariz para Madrid Sua Magestade a Rainha e o sr. duque do Porto. A' *gare* foram despedir-se de Sua Magestade e Alteza o pessoal da legação e do consulado, muitos membros da colonia portugueza, representantes do presidente da republica, do governo francez e os embaixadores de Italia e Hespanha. Veem de perfeita saude, esperando-se que a sua demora em Hespanha não será longa.

— Falleceu no Porto, n'uma casa de saude, o sr. dr. José Barbosa Leão, cirurgião de divisão reformado e antigo deputado ás côrtes. Era um caracter honesto, modelo de virtudes particulares e de virtudes civicas. Está na memoria de todos a lucta por elle sustentada em favor da reforma ortographica, pelo systhema *sonico*, lucta que vincula o seu nome a essas tentativas de reforma em Portugal. Contaya 70 annos de idade o digno e illustrado cidadão, cuja morte profundamente todos sentem. Morreu sem ver implantado no paiz o seu systema orthographico.

— Entre os srs. ministro da fazenda e Fernando Palha foi ante-hontem assignado um contracto em virtude do qual o governo cede á camara municipal o edificio do extincto convento da Esperança para estabelecimento das padarias municipaes. Este conctracto fica dependente da sancção legislativa. Se bem me recordo, certos melhoramentos essenciaes da cidade estavam dependentes da vida das ultimas freiras existentes na Esperança. E para desejar, pois, que as obras que alli se vão fazer, e o estabelecimento que se tenciona montar, em nada prejudiquem os projectados melhoramentos.

— Um collega nosso d'aqui descreve do seguinte modo a sua opinião ácerca do estado do celebre murtozeiro que ha dias assassinou em plena capital o cunhado.

«Este desgraçado pertence já á galeria dos typos tristemente celebres da actualidade. O seu nome preoccupou durante bastantes dias a attenção publica, e ainda hoje se liga algum interesse áquella individualidade que tão discutida tem sido. Desde os primeiros momentos que succederam ao do crime, nos convencemos plenamente de que o *Gago* era um doido. Expozemos tal opinião logo no artigo em que descrevemos o crime e as circumstancias em que elle se deu. Estimamos duplamente ver hoje confirmada a nossa opinião: já porque é sempre agradavel a certeza de que se acertou, já porque é doloroso ver um perdido de espirito, soffrendo o castigo applicavel unicamente aos prevaricadores convictos. Fomos informados esta manhã de que o *Gago* fizera de hontem para hoje grandes disturbios no Limoeiro. Tal noticia corria já de bocca em bocca, o que nos fez suppôr que quando chegou aos nossos ouvidos viesse já bastante exaggerada. Para nos certificarmos devidamente da verdade, fomos ao Limoeiro e, na ausencia do sr. director, pedimos ao sr. guarda-livros Silva Presado que nos desse as informações que podesse. O pedido foi satisfeito amavelmente, e ainda mais do que esperavamos, porque nos foi facultada a entrada na casa onde está o preso.

Soubemos que os disturbios não passaram d'uma simples excitação nervosa, resultante da actual monomania do *Gago:* a de que o querem matar. Quando hontem á tarde o barbeiro ia a fazer-lhe a bárba, o *Gago*, ao ver a navalha, protestou em altos brados que ainda era cedo para morrer, que elle era um bom rapaz, que tivera muita razão para matar o *Olho Verde*...

A convicção de que querem dar cabo d'elle augmentou depois d'esta scena. O *Gago* foge de todos, evitando até os olhares dos curiosos. Pediu primeiro que o passassem para a sala n.º 7. Fizeram-lhe a vontade; depois declarou ao sr. Silva Presado que preferia estar sósinho. Como tem em cofre uma libra, lembrou que poderia ir para um quarto particular. Fingiram não ligar importancia á lembrança, que era quasi um pedido, pois que o *Gago*, vendo-se só, poderia matar-se. Seria um paradoxo, mas comprehensivel: preferir matar-se a que o matassem.

Então, como não recebesse resposta áquelle pedido, disse ao sr. Silva Presado que o deixasse estar na secretaria, junto d'elle porque portar-se-hia bem.

Fez-lhe a vontade; o *Gago* cumpriu ao principio a sua palavra, depois começou a passeiar pela casa, puchando conversa com os empregados, ect. Foi então mettido na sala contigua á secretaria, no parlatorio, onde ha pouco o vimos e com elle conversámos. Interrogado porque descompozera o barbeiro, respondeu-nos:

—Pois então não sabe que me querem matar? Se não fosse para isso, não estava eu aqui. Que eu tenho pena *d'elle*, sempre era da minha familia, mas para que se metteu com minha mulher?

—Mas tu ainda estás na convicção de que tua mulher te enganava?

—Podera não estar: por causa d'ella é que eu aqui estou. Bastava que ella viesse cá pagar 20 libras, para eu ir para a rua. Mas não senhor: não paga as 20 libras e ainda por cima dá ordem para me matarem. E como nos visse sorrir.

—Sim... sim... é ella quem me manda matar!

O *Gago* diz tudo isto pausadamente, com os olhos fitos no chão, e, por mais de uma vez tivemos que detel-o pelo braço, porque todo o seu empenho é fugir de quem lhe falla, continuando no seu cadenciado passeio. Hontem á noite pediu ao sr. Silva Presado que lhe escrevesse uma carta á mulher. Dizia na carta que o viesse ver, que elle não lhe fazia mal; pedia-lh'o por alma de seu pae, protestando que lhe perdoava... O sr. director da cadeia requereu exame medico para o *Gago;* tal exame deve effectuar-se hoje. E' de crer que a dignose seja consoante a opinião geral, que é sinceramente a nossa.

Uma nota tristemente curiosa: o *Gago* anda vestido de preto, de luto carregado...

— Seguiu para ahi no comboio do correio de ante-hontem Armando da Silva, sapateiro, que sahiu da penitenciaria onde esteve 14 mezes cumprindo a sentença do juiz de direito da comarca. Este individuo é natural d'ahi.

— Teem-se reunido no ministerio da justiça os srs. drs. Tavares Crespo, Vieira Lisboa. Ferreira da Costa, Hilario Alves, conservadores em Lisboa e Porto, a fim de discutirem as bases d'um novo regulamento para o serviço do registo predial e para a proposta de lei, que o sr. ministro da justiça apresentará no intuito de completar tal instituição. Os trabalhos vão adiantados. Do regulamento será expungido tudo quanto n'elle respeita a processo, e que foi modificado pelo respectivo codigo.

— Parece que pelo ministerio da justiça serão apresentadas ao parlamento propostas reformando ou melhor organisando os serviços medico-legaes, reprimindo a vadiagem, e punindo mais severamente as reincidencias. A sociedade das sciencias medicas estuda a primeira proposta, e os srs. procuradores regios de Lisboa e Porto encarregaram-se do estudo das outras.

— O sr. cardeal patriarcha vae expedir uma carta-pastoral ao cabido, clero e fieis da sua diocese sobre os suicidios, considerando-os como attentados contra a religião.

— Foram nomeados vogaes, do tribunal administrativo de Leiria, o sr. Miguel Justino Araujo Alvares, actual juiz de direito na ilha do Pico; e do de Lisboa, o sr. Carlos Augusto Telles Caldeira Castello Branco, actual auditor geral da marinha.

— Acaba de fallecer na penitenciaria Antonio Joaquim, o assassino do coronel Sepulveda, de Bragança.

— Ante-hontem de manhã cahiu ao rio, morrendo afogado, o tripulante d'uma fragata—Domingos do Bem Barroca, de Ilhavo.

— Foi ratificado o accordo entre a Inglaterra e a Allemanha para o bloqueio da costa do Zanzibar, a fim de ser reprimido o trafico da escravatura. Foi tambem invocado o concurso de Portugal, a fim de que a repressão se estenda ás costas das possessões portuguezas da Africa Oriental. O bloqueio da costa oriental da Africa será mantido por quatro navios allemães e seis inglezes.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

4.ª REGIÃO AGRONOMICA

(DISTRICTO DE AVEIRO, COIMBRA E LEIRIA)

ESTAÇÃO CHIMICO-AGRICOLA

Tendo sido ordenado, por portaria de 19 de setembro do corrente anno, que os directores das estações chimico-agricolas, se possam encarregar da distribuição de amostras de adubos chimicos, fornecidos pelas fabricas ou negociantes, aos lavradores das respectivas regiões, e sendo de toda a conveniencia que os interessados tenham conhecimento das disposições contidas nos artigos 28.º e 30.º do decreto de 22 de dezembro de 1887, afim de saberem ao que têm que satisfazer no caso de se quererem aproveitar das determinações da portaria acima citada, foi, por ordem superior, mandado publicar o seguinte:

Artigos 28.º e 30.º do decreto de 22 de dezembro de 1887

Artigo 28.º—A estação poderá tambem encarregar-se de fazer a distribuição de amostras de adubos chimicos, fornecidos pelas fabricas ou negociantes, aos lavradores, não devendo cada amostra ser em porção superior, a 1 kilogramma. Deverá, acompanhar cada amostra uma nota da riqueza do adubo em azote, acido phosphorico e potassa, do seu valor venal e da sua equivalencia em estrume de curral.

§ unico. Estes adubos serão enviados para a estação pela fabrica ou vendedores, e por sua conta, em barris ou saccos de 50 a 100 kilogrammas, sendo gratuitamente analysados nas estações e depois destribuidos.

Art.º 30.º—Os fabricantes e vendedores de substancias fertilisantes poderão estabelecer, proximo das estações chimico-agricolas, depositos de adubos chimicos ou commerciaes para venda, sob fiscalisação das mesmas estações, conforme instrucções da direcção geral de agricultura.

§ unico. O custo das analyses de adubos d'estes depositos será calculado pela tabella annexa, fazendo-se o abatimento de 10 por cento.»

Os interessados que queiram utilisar-se d'estas disposições deverão dirigir-se ao abaixo assignado.

Coimbra, e séde da 4.ª Região Agronomica em 14 de novembro de 1888.

O agronomo chefe,
Arthur Ernesto da Silva Leitão.

E APROVEITAR

CASA LEÃO D'OURO

121, Rua Ferreira Borges, 127

COIMBRA

CAPAS E BATINAS DE PANO PRETO

A 9$000!!!

O proprietario d'esta bem conhecida casa incumbe-se de as mandar fazer por aquelle preço e d'ahi para cima, para o que recebeu um magnifico sortimento de panos pretos.

Continua a responsabilisar-se pelo seu bom acabamento.

MOLESTIAS SECRETAS

CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten com copahiba, approvadas pela Academia de Medicina de Pariz.

Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas só ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.

A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas

EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES

Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a *assignatura* de *Raquin* e o sello official (em azul) do *governo francez*.

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES, *78, Faubourg Saint-Denis*, PARIZ, e em todas as boas pharmacias do estrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a INJECÇÃO RAQUIN, complemento de todo tratamento

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

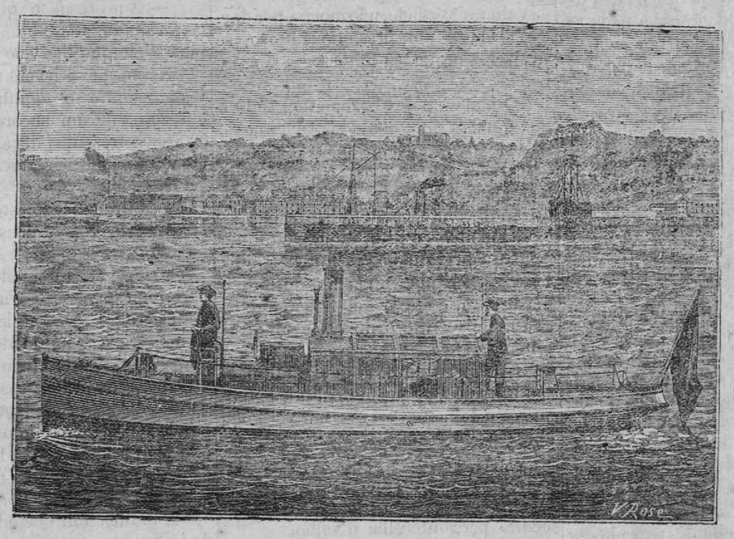
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar e ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

200,000 Doentes curados de DEFLUXOS, TOSSE INSOMNIA, CRISES NERVOSAS PELO XAROPE do Dr FORGET Em todas as Pharmacias do Universo Exija-se o endereço ao lado

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE Em todas as boas Pharmacias Exija-se o endereço ao lado.

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRÃOS DE SAUDE DO Dr FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigens, Congestões, etc.—Dose ordinaria: 1, 2 & 3 grãos.

Exigir os CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes

Em PARIZ, Pharmacia LEROY. — Depositos em todas as principaes Phas.

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

LICOR TONICO-DIGESTIVO

PREPARADO SEGUNDO A FORMULA DO

DR. R. MENDONÇA

PELO PHARMACEUTICO

MIGUEL M. P. D. SANTIAGO

ESTE MEDICAMENTO já muito experimentado, é um preciso digestivo, quer seja tomado meia hora antes das refeições, para estimular o appetite quer durante ou depois d'ellas, no caso de difficuldade na digestão. Seus effeitos são egualmente notaveis na convalescença das molestias graves, bem como em todas as doenças em que é principalmente necessario levantar as forças deprimidas do organismo.

Póde afoitamente dizer-se que, nos casos indicados, este medicamento

NAO TEM RIVAL

A' venda em todas as principaes pharmacias do paiz.
Depositos—Em Lisboa—A. F. A. Azevedo, filhos.
Porto—Pharmacia Gomes, rua das Flores.
Coimbra—Pharmacia Ferraz.
Aveiro—Pharmacia Ribeiro.
Lamego—M. O. Barros.
Braga—Pharmacia do hospital de S. Marcos.
Beja—J. Fonseca.
Barcellos—A. Cruz.
Abrantes—M. O. Netto, etc. etc.,

DEPOSITO GERAL

PHAMACIA—SANTIAGO—VAGOS

200,000 Doentes curados de DARTROS, CRAVOS VIRUS, ULCERAS PELO DEPURATIVO CHABLE. Em todas as Pharmacias do Universo Onde se encontra gratis a Noticia Chable.

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE Em todas as boas Pharmacias Exija-se o adresse ao lado.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommenda do pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

ROB BOYVEAU LAFFECTEUR

Cura todas as Molestias resultantes dos Vicios do sangue: *Escrofulas, Eczema, Psoriase, Herpes, Lichen, Impetigo, Gôta* e *Rheumatismo.*

ROB BOYVEAU-LAFFECTEUR

AL IODURETO DE POTASSIO

Cura os accidentes syphiliticos antigos ou rebeldes: *Ulceras, Tumores, Gómmas, Exostose*, assim como *Lymphatismo, Escrofulas* e *Tuberculose.*

Em Paris, Casa J. FERRÉ, Ph^ro, 102, rue Richelieu, 5ro de BOYVEAU-LAFFECTEUR, e em todas as Ph^cias.

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.^ce, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um ponico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doentas, na alimentação das mulheres gravida, e amas de leite, pessoas idosas, creanças anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinalde Ribeiro Junior.

INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa. Empregada só ou justamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Pariz) cura em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas. Muito util tambem como *preservativo*.

Exija-se a assignatura de RAQUIN.

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz, e em todas as boas pharmacias do estrangeiro.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Phormacia-Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequeaos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de nnho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Dorgria Medicinal de Ribeiro Junior.

LIVRARIA

DE

MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

Novo Almanach de Lembranças, Luso Brasileiro, para o anno de 1889:	
Cartonado	320
Brochado	240
Codigo Commercial, approvado por carta de lei de 28 de junho de 1888 e seu reportorio alphabetico, encadernado, ...	360
Brochado.	240
ALBERTO PIMENTEL	
Atravoz do passado.	500
GUIOMAR TORRESÃO	
Almanach das Senhoras, para 1889. .	240

SAUDE A TODOS Medicina com pur gantes, sem despe azs, com o uso da diliciosa farinha de *Saude*

REVALESCIÉRE

DU BARRY, DE LONDRES

40 annos de invariavel successo

Combatendo as indigestões (dispepsias) gastrica, gastralgia, flegma, arrotos amargos na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação, intestinal, bexigas, diarrheia disenteria, colicas, tosse, asthma, alta de restauração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabetis, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, dos bronchios, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa do cerebro e do sangue: 100:000 curas, entre as quaes se contam a de S. S. o Papa Pio IX, de S. M. o Imperador da Russia, do duque de Pluskow, das ex.^mas sr.^as marqueza de Brahan, duqueza de Castlestuart, dos ex.^mos srs. lord Stuart de Decies, par de Inglaterra, o doutor e professor Wurzer, o professor e doutor Benecke, etc., etc.

N.º 49:842: Mme Marie Joly, de cincoenta annos de constipação, indigestão, nervose, nesminlas, asthma, tosse, flatos, espasmos e nauseas.—N.º 46:270: M. Roberte, de uma constipação pulmonar, com tosse, vomitos, constipação e surdez de 25 annos. —N.º 46:210: O doutor em medicina Martin, d'uma gastralgia e irritação de estomago, que o faziam vomitar 15 a 18 vezes podia, durante oito annos.—N.º 46;218: o coronel Watson, de gotta, nevralgia e constipação obstinada.—N.º 18:744: O doutor em medicina Shorland, de uma hydropisia e coustipação.—N.º 49:522: M. Baldwin, completa prostração, paralysia de membros, em consequencia de excessos da mocidade.

Cura n.º 80:416: O sr. doutor Benecke, professor de medicina na Universidade, refere-se da maneira seguinte á clinica de Berlim, em 8 de abril de 1872:

«Nunca esquecerei que devo a vida de um de meus filhos á *Revalesciére du Barry*.

«A creança, na idade de quatro mezes, soffria, sem causa apparente, uma atrophia completa, com continuos vomitos, que resisiam a todos os tratamentos da sciencia medica. A *Revalesciére* restabeleceu-lhe completamente a saude em seis semanas.»

Seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.

Preços fixos da venda em toda a peninsula.—Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500 reis; de 1/2 kilo, 800 reis; de 1 kilo, 1$400 reis; de 2 1/2 kilos, 3$200 reis; de 6 kilos, 6$000 reis.

O melhor chocolate para a saude é o *Revalesciére Chocolatada;* ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar; os preços são os mesmos da *Revalesciére*.

DU BARRY & C.ª LIMITED—8, rúe Castiglione, Paris; 77, Regent Street.—Londres..

Depositos—Em Aveiro: F. E. da Lu e Costa, pharmacia.

No Porto: Cassels & C.ª, 127, rua do Nousinho da Silveira.

MARROCOS E CONSTANTINOPOLA

Descripções de viagem por Edmungo de Amicis.—Obras esplendidamente illustradas com cerca de quatrocentas gravuras por E. Ussi e C. Biséo.

Traducção portugueza de

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

Distribuição semanal.—Cada uma das obras constará de um volume, tendo as duas 65 fasciculos approximadamente. Publica-se aos tasciculos de 12 paginas e competentes gravuras resguardadas por uma capa.

Preço de cada fasciculo em Lisboa e Porto 100 reis, pagos no acto da entrega. Nas demais terras das provincias, pagamento adeantado por series de dois, tres, ou mais fasciculos. Pedidos de assignaturas ou requisição de prospectos, em Lisboa, á casa editora David Corazzi, 40 a 52, Rua da Atalaya, e ás livrarias.—No Porto, á filial da casa, Praça de D. Pedro, 127, 1.º e nas principaes livrarias.

A FATEIXA

Publicação mensal sobre coisas... portuguezas. Um volume de 180 paginas collaborado por escriptores distinctos, 200 reis. Deposito na livraria de Barros & Filha, rua do Almada, 104 a 114, Porto

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO